



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**O método da jornalista Leda Nagle nas  
entrevistas do programa *Sem Censura***

Kiára Mary

Fialho Medeiros

João Pessoa  
Julho 2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

## **O método da jornalista Leda Nagle nas entrevistas do programa *Sem Censura***

Kiára Mary Fialho Medeiros

Dissertação apresentada ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo.

João Pessoa  
Julho 2017

M488a	<p>Medeiros, Kiara Mary Fialho.</p> <p>O método da jornalista Leda Nagle nas entrevistas do programa Sem Censura/ Klara Mary Fialho Medeiros. – João Pessoa, 2017.</p> <p>95p. il.</p> <p>Orientadora: Sandra Regina Moura</p> <p>Dissertação (Mestrado). UFPB/CCTA</p> <p>1. Jornalismo. 2. Entrevista. 3. Redes Sociais I. Kiara Medeiros.</p>
E/CCTA	CDU: 070

**KIARA MARY FIALHO MEDEIROS**

O exame de defesa da dissertação intitulada **O MÉTODO DA JORNALISTA LEDA NAGLE NAS ENTREVISTAS DO PROGRAMA SEM CENSURA** apresentado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi \_\_\_\_\_ pela banca examinadora.

\_\_\_\_\_  
**Orientadora – Professora Doutora Sandra Moura (UFPB)**

\_\_\_\_\_  
**Examinador – Professor Doutor José David Campos Fernandes (UFPB)**

\_\_\_\_\_  
**Examinador – Professor Doutor Silvano Alves Bezerra da Silva (UFMA)**

João Pessoa, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2017.

## Resumo

Esta dissertação se propõe a desvendar o método de entrevista da jornalista Leda Nagle, analisando principalmente os documentos de processo utilizados cotidianamente para a produção do programa *Sem Censura*, comandado pela entrevistadora e jornalista na Rede Brasil. O objetivo do trabalho é analisar os rastros deixados através de manuscritos, rascunhos, escritos a mão ou por meios digitais, como também agendas, anotações pessoais, recortes de jornais, fotografias, trechos de diálogos em redes sociais, pautas e e-mails que fizeram parte do processo criador de Leda Nagle no programa *Sem Censura*, além de análises de programas já exibidos. Partindo do pressuposto de que os materiais usados para construção do produto jornalístico são semelhantes nas diversas formas de veiculação, utilizaremos como base a fundamentação teórica proposta por SALLES (1998), MEDINA (1996) e MOURA (2007), além de pesquisarmos os diversos tipos de entrevistas empregados por nossa imprensa no dia a dia, como também investigar se, de fato, é a entrevista dialógica a principal marca da jornalista e entrevistadora Leda Nagle.

**Palavras-chave:** Entrevista jornalística; Redes sociais; programa *Sem Censura*, método.

## Abstract

This dissertation intends to unravel the method of interview of the journalist Leda Nagle, analyzing mainly the process documents used daily for the production of the program No Censorship, commanded by the interviewer and journalist in Rede Brasil. The purpose of the paper is to analyze traces left through manuscripts, drafts, handwritten or by digital means, as well as diaries, personal notes, newspaper clippings, photographs, excerpts from dialogues on social networks, guidelines and emails that have been made Part of the creative process of Leda Nagle in the program No Censorship, in addition to analyzes of programs already shown. Based on the assumption that the materials used to construct the journalistic product are similar in the different forms of publication, we will use as basis the theoretical foundation proposed by SALLES (1998), MEDINA (1996) and MOURA (2007), besides investigating the various types Of interviews used by our press in the day to day, as well as to investigate if, in fact, the dialogic interview is the main brand of journalist and interviewer Leda Nagle.

**Keywords:** Journalistic interview; Social networks; Uncensored program, method.

# Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1	
<b>1 – A arte da entrevista, tendo o diálogo como ponto de partida.....</b>	<b>18</b>
1.1 Os tipos de entrevistas .....	25
CAPÍTULO 2	
<b>2 – A comunicação e a pesquisa no processo de produção das entrevistas do Sem Censura.....</b>	<b>28</b>
2.1 A entrevista aberta de Leda Nagle .....	30
2.2 Marcação, pesquisa e comunicação.....	32
2.3 A entrevista aprofundada, humanizada e dialógica de Leda Nagle.....	34
2.4 O método documentos de processo .....	37
CAPÍTULO 3	
<b>3 – Documentos de processo e o método de Leda Nagle .....</b>	<b>41</b>
3.1 O conceito de Crítica Genética e Documentos de Processo segundo Cecília Salles .....	41
3.2 A propósito dos procedimentos .....	43
3.3 Redes sociais e a interação com o telespectador.....	41
3.4 Comentários do Facebook aproveitados no programa .....	42
CAPÍTULO 4	
<b>4 – Quem controla quem? A cultura da vigilância, o programa Sem Censura e as redes sociais .....</b>	<b>67</b>
4.1 Redes sociais e a interação com o telespectador.....	69

4.2	Comentários do Facebook aproveitados no programa .....	70
	<b>Considerações finais .....</b>	<b>81</b>
	<b>Referências .....</b>	<b>83</b>
	<b>Anexos .....</b>	<b>85</b>

## Lista de Figuras

Fig 1. Tabela de avaliação de Leda Nagle .....	36
Fig 2. Rotinas da redação .....	40
Fig 3. Sala <i>master</i> .....	44
Fig 4. Documento de recomendação do entrevistado .....	46
Fig 5. Informação sobre o tema e sobre o entrevistado .....	48
Fig 6. Informação sobre o tema e sobre o entrevistado .....	49
Fig 7. Informação sobre o tema e sobre o entrevistado .....	50
Fig 8. Informação sobre o tema e sobre o entrevistado .....	51
Fig 9. Informação sobre o tema e sobre o entrevistado .....	52
Fig 10. Leda Nagle na bancada <i>ao vivo</i> .....	56
Fig 11. Tabela de avaliação dos entrevistados .....	57
Fig 12. Redes sociais em tempo real .....	58
Fig 13. Mensagem do <i>Facebook</i> .....	59
Fig 14. Mensagem do <i>Facebook</i> .....	60
Fig 15. Mensagem do <i>Facebook</i> .....	61
Fig 16. Mensagem do <i>Facebook</i> .....	62
Fig 17. Documento com os endereços eletrônicos .....	64
Fig 18. Leda Nagle na bancada do programa <i>Sem Censura</i> .....	68
Fig 19. Leda Nagle e entrevistados do programa .....	77
Fig 20. Leda Nagle e Carlos Miéle .....	78

## Tabela

Quadro 1. Os tipos de entrevistas .....	19
---	----

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa que se insere na ampla temática dos processos de construção noticiosa, tem como foco central pôr a descoberto e analisar os chamados *documentos de processo*, referentes ao exercício de produção de entrevista, tal como praticado pela jornalista Leda Nagle no programa *Sem Censura*.

O objetivo maior que perseguimos ao longo das páginas que se seguem é deixar evidentes os instrumentos que a conhecida jornalista brasileira utiliza para a conformação de seu trabalho de comunicação. Apresentemos, então, o objeto de nossa investigação, as suas peculiaridades, bem como os encaminhamentos estabelecidos para alcançar os objetivos que propostos.

Em primeiro lugar, consideremos a natureza mesma do que estará sendo investigado neste estudo, portanto sua consistência de objeto de investigação.

A entrevista, conforme Medina (1986), é um dos conhecidos instrumentos dos processos de produção noticiosa e que, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.

Denomina-se por *entrevista* quando duas ou mais pessoas se reúnem com o fim de dar e receber informações sobre determinado assunto, permitindo que o público, a partir da divulgação do seu conteúdo, compartilhe os conhecimentos extraídos daquela conversa orientada para fins massivos de comunicação. A divulgação autorizada do conteúdo pode ser operada por rádio, imprensa escrita, televisão ou Internet. Cabe ao entrevistador, normalmente um jornalista, tentar extrair do entrevistado o máximo de informações possíveis sobre determinado assunto, cabendo ao preparo e

perspicácia do profissional jornalista conseguir as informações julgadas de interesse do público.

Cada vez mais o leitor/espectador aponta – principalmente com a difusão das redes sociais e o avanço na organização dos movimentos sociais – os problemas ou prejuízos que o jornalismo causa quando não se apura bem a informação. Como alerta Fonseca:

Mas o aspecto central diz respeito ao fato de que a notícia como mercadoria possui uma especificidade ausente nos outros tipos de mercadoria, pois sua veiculação pode causar danos a pessoas, instituições, grupos sociais e às sociedades, na medida em que possui (a notícia) o poder de, no limite: fabricar e distorcer imagens e versões a respeito de acontecimentos e fenômenos, simultaneamente à função de informar. É claro que não se trata de considerar o processo de informar como neutro, pois ele próprio é submetido a um conjunto de variáveis, tais como a visão do consumidor das notícias, das testemunhas, das fontes, e do próprio processo produtivo das notícias intrinsecamente complexa. (FONSECA, 2011, p. 43).

Há no jornalismo casos famosos, como o da Escola Base, em São Paulo, em que os proprietários e funcionários do estabelecimento foram acusados de abusar sexualmente de crianças e a imprensa reproduziu essa acusação, mesmo com os envolvidos se dizendo inocentes. Mais tarde, viu-se comprovada a inexistência do crime e, por decisão judicial, várias empresas jornalísticas foram obrigadas a reparar os danos morais e materiais a essas pessoas.

O episódio da Escola Base serve para lembrar o quanto é importante estudar os métodos e processos utilizados no fazer jornalismo, considerando-se que o resultado final, no caso o produto jornalístico, tem relação intrínseca com o modo, a forma como o profissional da notícia conduz o seu processo de produção/investigação.

Motivo pelo qual esta pesquisa se vale dos estudos de entrevista jornalística baseados na relação de diálogo, porque a entendemos como mais produtiva e conseqüente com os fins pretendidos neste estudo. Contribuíram, para esse fim, as reflexões de Medina (1986), que nos apresenta os princípios da entrevista não autoritária, que se estabelece através de interação a serviço do homem e da convivência democrática.

Esta autora compreende que se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo.

Para Medina, a interação entre o entrevistador, a fonte/entrevistado e o receptor, são fundamentais para que o público perceba a verdade da entrevista. Trata-se, justamente, do que Medina chama de *entrevista dialógica*, expressão-conceito que ela explica da seguinte forma:

O diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se relevam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências (MEDINA, 1986, p. 8).

Segundo ela, as entrevistas dirigidas, firmadas em frios questionários, afastam o caráter propriamente humano, sendo este o propósito relevante da entrevista, que busca obter a verdade, a valorização do entrevistado/fonte e a troca como caminho de diálogo.

A perspectiva que então se delineia aponta que o público, seja ele ouvinte, leitor ou telespectador, frustra-se diante de uma entrevista espetáculo e autoritária, na qual o entrevistado basicamente é induzido a respostas preestabelecidas através das perguntas a ele dirigidas. Ela define, ainda, que o diálogo é democrático e o monólogo é autoritário. De acordo com Medina, o primeiro interpreta as vozes dos grandes movimentos populares do século XX, enquanto o segundo satisfaz ao jogo da livre expressão, plataforma do liberalismo, nos séculos XVIII e XIX.

Outra coordenada teórica que alimenta este estudo é a desenvolvida por Salles (1998), nomeada documentos de processo, que são os diversos meios de armazenar informações, que, por sua vez, atuam como auxiliares no percurso de concretização da obra e que nutrem o artista e a obra em criação. Assim descreve a autora:

Diários, anotações e cadernos de artista, por exemplo, são espaços desse armazenamento. As correspondências dos artistas, algumas

vezes cumprem esse mesmo papel. (...) São registros verbais, visuais ou sonoros de apropriação do mundo, ou melhor, registros na forma mais acessível naquele momento. O artista tem maneiras singulares de se aproximar do mundo à sua volta. Os cadernos de anotações guardam, muitas vezes, as seleções feitas pela percepção, ou seja, o modo como o artista aprende a se apropriar da realidade que o envolve (SALLES, 1998, p. 123).

Com isso, Salles amplia a crítica genética nascida na França no final dos anos 1960, através de Louis Hay, do *Centre National de Recherche Scientifique – CNRS*).

Para desvendar o processo criativo dos escritores literários, Louis Hay se baseou nos rastros deixados por eles no processo de construção de suas obras, como manuscritos, rasuras, anotações pessoais etc., escritos à mão ou à máquina.

Segundo Lins (2000), a crítica genética só chega oficialmente ao Brasil em 1985 por intermédio do professor Philippe Willemart no *I Colóquio Crítica Textual: O manuscrito moderno e as edições*, que aconteceu na Universidade de São Paulo.

Salles (1998) expande, então, a noção de manuscrito para documentos de processo. Os estudos de documentos de processo da autora foram trazidos ao universo jornalístico por Moura (2002) ao analisar o método do repórter investigativo Caco Barcellos (1992) na construção do livro *Rota 66: a história da polícia que mata*, quando usou, como documentos de processo, anotações, cadernetas, fotografias, arquivos de entrevista, fichas, além de pautas jornalísticas realizadas no período em que ele armazenava material que serviria de conteúdo para o livro.

Ao analisar os conteúdos dos estudos de Moura, entendemos que há semelhança entre esses e os utilizados no processo de criação e nas entrevistas de Leda Nagle no *Sem Censura*.

No caso da entrevista, cabe ressaltar, que o comportamento autoritário do jornalista pode ser revelador. Isto pode ser observado através de questionamentos grosseiros ao entrevistar sua fonte, ao desrespeitar o entrevistado, cortando-o no seu raciocínio. Tal forma de abordagem utiliza-se do poder e da condição de entrevistador à frente do controle da entrevista,

induzindo a resposta do entrevistado para que se adeque a interesses, até escusos, da empresa da qual o veículo é propriedade ou está a serviço.

Da mesma maneira, também pode ser reveladora a forma dialógica do(a) entrevistador(a) que, segundo Medina (1986, p. 15), oscila entre a compreensão e a espetacularização. A primeira forma demonstra mais seriedade e se subdivide nos seguintes tipos de entrevista: conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização e perfil humanizado. Já a forma pautada na espetacularização se caracteriza por apresentar: perfil do pitoresco, do inusitado, da condenação e da ironia “intelectualizada”.

A pesquisa que estamos desenvolvendo, e que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é descritiva e exploratória, e tem por **objetivo** analisar como se dá o processo de construção das entrevistas realizadas pela jornalista e apresentadora Leda Nagle no Programa *Sem Censura*<sup>1</sup>, exibido diariamente às 17h na TV Brasil.

E tem como **objetivos específicos**, em primeiro lugar, especificar as peculiaridades da entrevista e seu pael no âmbito do jornalismo; segundo é avaliar a mecânica dos procedimentos dos chamados documentos de processo; e em terceiro, recolher e analisar documentos específicos do trabalho jornalísticos de Leda Nagle.

Leda Nagle conquistou notoriedade por sua atuação desde os tempos em que era entrevistadora do *Jornal Hoje*, na TV Globo. Neste programa, ela atuou como apresentadora em que entrevistava celebridades do mundo da cultura.

No comando do *Jornal Hoje*, a jornalista permaneceu de 1977 a 1989. Após esse período, mudou-se para a TV Manchete, da qual foi apresentadora do *Jornal da Manchete*, edição da tarde, realizando também entrevistas. Em 1996, passa a comandar o programa *Sem Censura*, na época retransmitido

---

<sup>1</sup> O programa *Sem Censura* estreou na TVE Brasil em 1985, sendo apresentado pela jornalista Tetê Muniz, refletindo o clima da época do fim da Ditadura Militar. Passaram pela bancada do programa, ainda, Gilse Campos, Lucia Leme, Elizabeth Camarão, Márcia Peltier, Liliana Rodrigues e Leda Nagle que, após sua demissão em 2016, foi substituída por Vera Barroso. Além dos apresentadores e convidados, o *Sem Censura* também contava com debatedores fixos, como os jornalistas Artur da Távola, Arthur Xexéo e o carnavalesco Milton Cunha.

pela TVE, do Rio de Janeiro. A TVE foi incorporada pela TV Brasil. O *Sem Censura* era o principal programa jornalístico da emissora.

De todos os gêneros jornalísticos (notícia, reportagem, crônica etc.), podemos dizer que a entrevista marcou o trabalho dessa jornalista, que com seu estilo de trabalho jornalístico ganhou reconhecimento nacional.

Embora o modo de entrevistar de Leda Nagle tenha despertado interesse no público desde os tempos da *TV Globo*, iremos, neste trabalho, nos ater às suas entrevistas no programa *Sem Censura*, que exploram diferentes temáticas, entre elas música, literatura, política, comportamento, enfim, temas de interesse geral.

O material utilizado no processo de criação do programa passa pelos mesmos procedimentos que são: escolhas, reuniões e produção de pautas, anotações feitas durante o período da execução, até o processo de edição e finalização dessas pautas, caso o veículo seja TV ou Internet. Além de fitas brutas e fotografias, que no caso servirão tanto ao impresso, como também à TV e à Internet.

Os estudos desses aspectos serão utilizados como estratégia de construção do método da jornalista e instrumento teórico-metodológico para acompanhar o processo de Leda Nagle na elaboração das suas entrevistas para o programa *Sem Censura*.

Para a realização da pesquisa fizemos diversos contatos com a produção do programa para envio de cópia do projeto e agendamos visitas à redação e aos estúdios do programa, localizados na sede da TV Brasil, no Rio de Janeiro.

Uma vez realizados esses contatos, fomos ao Rio por três vezes até a TV Brasil, ao encontro de Leda Nagle e produção. Na ocasião, foram prestadas explicações mais detalhadas do projeto de pesquisa, além de dar ciência à equipe de produtores sobre a realização de outros trabalhos acadêmicos anteriores ao nosso, que estudaram métodos de jornalistas, utilizando documentos de processo. São os casos dos estudos de Salles, (1998), com Ignácio de Loyola Brandão, e por Moura (2002), com Caco Barcellos.

Tais contatos têm papel relevante no curso de uma investigação como a que desenvolvemos, conforme a isso refere Lins, na passagem que se segue:

Afinal, essa é uma condição na Crítica Genética: para que se realize a análise do processo de construção, é necessário que autores envolvidos autorizem (ou, pelo menos, haja quem responda por eles), o manuseamento de tais documentos (LINS, 2000, p. 15 e 16).

Nesses contatos obtivemos o apoio necessário da jornalista a ser pesquisada e da sua equipe, além do acesso aos documentos de processo que precisávamos. Assim, fizemos visitas tanto na redação do *Sem Censura* como no estúdio de gravação e na ilha de edição, onde a equipe de mídias sociais acompanha, visualizando e respondendo simultaneamente durante a gravação e exibição do programa ao vivo, as mensagens enviadas pelos telespectadores internautas sobre o programa que está no ar naquele momento, ou até mesmo sobre programas já exibidos, ou entrevistados que passaram por lá.

Pesquisamos sobre a forma que Leda Nagle registra o seu processo de produção, se faz anotações em cadernos, em *tablets*, pautas, fotografias, desenhos, fichas, agendas, etc. E a partir de suas respostas construiu-se um dossiê que, em síntese, é o conjunto de documentos de processo da entrevistadora, utilizados na pesquisa.

Feito isso, passamos para a leitura desses documentos de processo, levantando uma série de questões, dúvidas, que foram tiradas com a jornalista e equipe. Também constou como parte dos nossos procedimentos metodológicos acompanhar a gravação de alguns programas, fazendo anotações e observações sobre o modo como a jornalista conduz as suas entrevistas. Além disso, entrevistamos produtores do programa.

Nessa etapa, as entrevistas com os produtores nos auxiliaram nas análises dos diálogos que a jornalista mantém com os seus colaboradores no processo de produção, assim como contatos feitos junto aos telespectadores que de alguma forma tiveram relação com o processo de produção da entrevistadora. Por último, fizemos uma entrevista mais detalhada com a jornalista Leda Nagle, que está na íntegra no Apêndice deste trabalho, e também foi utilizado no desenvolvimento.

A partir daí, passamos a relacionar as nossas análises dos documentos de processo de Leda Nagle com as teorias que embasaram este estudo – Salles (1998), Medina (1986) e Moura (2002), que nos auxiliaram como instrumento teórico-metodológico para acompanhar o método da jornalista Leda Nagle na elaboração das suas entrevistas para o programa *Sem Censura*.

Nesse ponto, é indispensável destacar a relevância do trabalho aqui realizado, baseados na necessidade de aprofundar estudos e pesquisas nessa área recente da investigação em comunicação. Entendemos que os frutos que serão extraídos da sistemática de exploração aqui adotada têm a capacidade de desvendar aspectos muito peculiares do trabalho de entrevista, tão necessário a profissionais desse campo. Além disso, os caminhos que estamos percorrendo, na pesquisa, ajudarão a consolidar práticas e processos, que terão muita serventia em eventuais situações de desdobramento da atividade de pesquisadora.

Adotamos, nesta jornada, a seguinte divisão de capítulos, por entendê-la suficiente e coerente para dar conta dos objetivos perseguidos na exploração a que nos propomos.

O primeiro capítulo, intitulado **A arte da entrevista: o diálogo como ponto de partida**, se propõe a explorar a concepção de entrevista e, mais especificamente, a entrevista na perspectiva dialógica, conforme esboçada por Cremilda Medina (1986), assim como as margens conceituais do método desenvolvido por Salles, no que diz respeito a documentos de processo.

O segundo capítulo, **A comunicação e a pesquisa no processo de produção das entrevistas do *Sem Censura***, explora os processos de comunicação que a entrevistadora, a jornalista Leda Nagle, constrói com os seus produtores, com seus entrevistados, com seus telespectadores e internautas, ao longo da preparação das entrevistas.

No terceiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica baseada em Moura (2007), que expande o espaço recoberto pelo método documentos de processo, desenvolvido por Salles (1996), para o universo jornalístico. Através dessas coordenadas teórico-instrumentais, encontramos meios

sustentáveis para dar conta da problemática que orienta este estudo. Nesse terceiro capítulo, iremos desvendar através de documentos utilizados pela conhecida jornalista (como manuscritos, pautas, anotações pessoais da própria jornalista) o caminho que estes registros nos levam ao método Leda Nagle de entrevista.

O passo seguinte consistirá em fazer análise ampla dos documentos de processo utilizados e construídos pela jornalista e apresentadora Leda Nagle na produção do programa *Sem censura*. E nele ingressam coordenadas teóricas extraídas de Fausto Neto (2008) e Braga (2006), que ajudam a compor o quadro das relações dialogais, em conformidade com o pressuposto que arma este estudo.

O quarto capítulo, **Quem controla quem? A cultura da vigilância, o programa *Sem Censura* e as redes sociais**, avançamos efetivamente sobre o material empírico, de onde procuramos extrair os métodos e processos que conformam a produção das entrevistas encetadas pela jornalista Leda Nagle.

Durante a realização deste estudo, Leda Nagle permaneceu no comando do programa até janeiro de 2017, quando foi demitida. O motivo de sua saída, de acordo com o diretor-presidente da TV Brasil, Laerte Rimoli, em sua rede social, foi contenção de despesas. “Comunicamos à jornalista Leda Nagle que a empresa não poderia manter, em 2017, o contrato dela, da forma como estava, no valor de R\$ 1,3 milhão ao ano” (RIMOLI, 2017)

A apresentadora, por sua vez, também em rede social, desabafou que

Não houve nenhuma proposta de redução do valor do contrato, tentativa de composição (...). Foi muito feio, fiquei e estou muito triste. Mas vida que segue. Sou uma mineira guerreira. Bola pra frente, com certeza. Se Deus quiser (NAGLE, 2017).

Após a saída da TV Brasil, a apresentadora criou um canal no *YouTube*, onde apresenta entrevistas produzidas na sua própria casa e em outros espaços. Diferentemente do formato do programa *Sem Censura*, a jornalista realiza entrevistas com apenas um convidado.

## Capítulo 1

### **A arte da entrevista: o diálogo como ponto de partida**

Quando consideramos a atividade noticiosa é necessário que ocorram um ou mais atos de entrevistar, de uma ou várias fontes. Para que o grande volume de informações, trazido pelos meios jornalísticos, chegue todos os dias até nós, inúmeras entrevistas foram realizadas para a produção de reportagens e matérias em geral.

Desde o início, quando se passa a organizar a produção de uma matéria (ao se checar uma fonte, ao se preparar a pauta, ao apurar os fatos, nas conversas informais nas redações, ao se trocar informações etc.) tem-se em mira entrevistar alguém ou alguns. Em cada um dos atos e passos durante o processo construtivo da informação, há a presença da entrevista.

Portanto, podemos definir entrevista como a principal matéria prima, e em que se fundamenta a atividade noticiosa. Trata-se, de fato, de um encontro entre indivíduos com interesses incomuns de difundir conhecimento, e para o qual um exerce o papel daquele que será o veículo (no caso, o entrevistador) e o outro (o entrevistado) passará informações que serão absorvidas e inseridas no cotidiano de um terceiro elemento (o público).

Segundo Fontana e Frey (1994), a entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana.

Ela tem como função trazer para a sociedade as mais diversas informações através da técnica aliada ao diálogo, por meio da qual não só personalidades, meteóricas ou não, mas pessoas comuns que nos deparamos no dia-a-dia, são notícias. A relevância do diálogo, no processo de construção noticiosa, também é destacada por Chaparro, quando menciona Morin para considerar o diálogo que aí se estabelece como “uma busca comum” entre interagentes:

O preponderante na definição estilística e na opção pela Entrevista é a eficácia do diálogo, mesmo em conteúdos com respostas estruturadas na forma argumentativa. É o diálogo que constrói os encantos narrativos da Entrevista. É a intercalação criativa de falas, idéias, provocações e saberes que transforma o leitor em destinatário da narração (CHAPARRO, 2008, p. 129).

A arte da entrevista exige do entrevistador não apenas conhecimento do tema a ser tratado, mas também intuição, respeito e humanização, aliados à técnica. É sua ambição conduzir o entrevistado para que repasse, revele o conhecimento sobre o tema por ele dominado, ou dependendo da circunstância que fizeram dele algo interessante para o público.

Como espécie que também faz relato da atualidade, a Entrevista tem eficácia particular porque, normalmente, indica temáticas e histórias interessantes. Tal como a Coluna, a Entrevista estimula as interações e interlocuções com o leitor. Além disso, é a espécie que naturalmente dá evidência à notoriedade de pessoas e temas, atributo decisivo na relevância jornalística dos conteúdos (CHAPARRO, 2008, p. 131).

Existem várias classificações de entrevistas. Segundo Amaral (1982, p. 126), algumas delas são elencadas da seguinte forma: noticiosa, opinativa e atual. Na primeira, a noticiosa, o entrevistado tem um papel de grande relevância e credibilidade com a informação em destaque, pois ele é detentor de informações preciosas sobre um determinado fato que desperta interesse popular; Na opinativa, o entrevistado, por via de regra, deve dominar o tema para o qual foi apontado para ser entrevistado; Por último, na terceira classificação, a atual, não se exige do entrevistado conhecimento tão aprofundado do tema, mas que expresse sua opinião de forma clara e sincera sobre o tema em debate.

Duarte (2012) apresenta outra classificação, que está inclusa na sua tipologia de entrevistas (Quadro 1): a aberta, a semi-aberta e a fechada.

**Quadro 1 - Tipologia de entrevistas**

<b>PESQUISA</b>	<b>QUESTÕES</b>	<b>ENTREVISTA</b>	<b>MODELO</b>	<b>ABORDAGEM</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Qualitativa</b>	<b>Não-estruturada</b>	<b>Aberta</b>	<b>Questão central</b>	<b>Em profundidade</b>	<b>Indeterminada</b>
	<b>Semi-estruturada</b>	<b>Semi-aberta</b>	<b>Roteiro</b>		
<b>Quantitativa</b>	<b>Estruturadas</b>	<b>Fechada</b>	<b>Questionário</b>	<b>Linear</b>	<b>Previstas</b>

### Entrevista Aberta:

Do tipo qualitativa, não tem questões estruturadas e, sim, uma questão central, e busca explorar o conhecimento do entrevistado, suas experiências pessoais sobre o tema tratado. Nela, o entrevistador vai aprofundando a entrevista de acordo com as respostas e observações do entrevistado. Mas é importante destacar que o entrevistador necessita ter habilidade na condução do diálogo, sem perder o foco do que propõe a entrevista. Além de deixar o entrevistado confiante, esse tipo de entrevista permite maior cumplicidade e humanização entre entrevistador e entrevistado, levando a respostas indeterminadas que demonstram claramente a sinceridade, naturalidade e verdade da entrevista. Essa forma de inquirição também é uma excelente técnica para construção de roteiros utilizados em entrevistas semiestruturadas ou para questionários estruturados.

### Entrevista Semiaberta:

Ela contém questões semiestruturadas, segue um roteiro, e, assim como a aberta, também é qualitativa, já que seu aprofundamento é determinado no decorrer do percurso da entrevista, durante diálogo estabelecido entre entrevistador e entrevistado, pergunta/resposta, em que se procura respostas espontâneas do entrevistado e não previsíveis. Apesar de seguir um roteiro, a entrevista semiaberta exige elaboração de poucas perguntas, e o entrevistador procura cumprir e explorar ao máximo cada uma das questões, até que se a esgote e possa então passar para seguinte. Observamos neste perfil de entrevista – assim como na aberta – a valorização do conhecimento do entrevistado, pois é permitido a ele, através de suas respostas, conduzir a entrevista em parceria com o entrevistador. Porém, durante todo o tempo da entrevista, o entrevistador procura ajustá-la ao roteiro inicial proposto pela produção. Pois um fator que deverá ser levado em consideração, no caso do roteiro original, é que muitas vezes ele não é cumprido à risca. Exemplo, o entrevistador elabora suas perguntas em sequência, mas ao perguntar uma questão, o entrevistado engloba, em sua resposta, uma possível resposta que o entrevistador esperava obter na sequência de suas perguntas. Portanto, é

comum nesses casos que a entrevista comece com um roteiro e durante seu desenrolar acabe com outro. É importante que nessa oscilação entre perguntas e respostas, a entrevista possa atingir a meta traçada, e que antes de seu término, o entrevistador confira se foi mesmo cumprido tudo o que seu roteiro propôs.

#### Entrevista Fechada:

É de natureza quantitativa, e tem como uma de suas principais características o uso do questionário como guia, estruturada e linear. Essa técnica pressupõe respostas previstas, e há certo distanciamento do entrevistador para com o entrevistado. O seu objetivo é de extrair do entrevistado respostas a perguntas previamente elaboradas, que correspondam ao que o entrevistador deseja, sem que haja discussão ou diálogo com o entrevistado, limitando-o à interpretação da pergunta diante do entrevistador. Questionários utilizados em entrevistas fechadas servem também como suporte para outros tipos de entrevistas, a exemplo das pesquisas de opinião.

No decorrer deste capítulo detalharemos, com mais propriedade, outros tipos de entrevista, tendo em vista que elas podem mudar de acordo com as preferências eleitas pelo jornalista ou mesmo pelos veículos de comunicação.

O significado da entrevista cresceu proporcionalmente à nova dimensão dos meios de comunicação e das redes de transmissão de dados. E, com elas, pouco a pouco se diversificou o estilo dos veículos e seu posicionamento no mercado. No curto período que separa as duas guerras mundiais do fenômeno da globalização, evoluiu-se para um modelo alicerçado na concorrência e na segmentação. Cada entrevistador, portanto, se distingue por ter um estilo peculiar e levar em sua mente um inacessível arsenal de dúvidas, certezas e armadilhas coerentes com o perfil do veículo a que se encontra vinculado (VIANA, 2001, p. 80).

É também relevante, neste ponto, nos atermos ao papel da entrevista no processo jornalístico. Ponto de partida para grandes reportagens, fonte de armazenamento de informações preciosas para o repórter no processo investigativo de aprofundamento da sua matéria ou reportagem, documento de

credibilidade e verdade, pois uma vez registrado o depoimento de uma testemunha ou entrevistado, isto funciona como prova que só fundamenta o processo investigativo do repórter.

Contudo, para uma entrevista realizar sua verdadeira função de informar com verdade e credibilidade o público ouvinte, leitor ou televisivo, faz-se necessário a atenção ao compromisso com a ética, o respeito ao entrevistado, o preparo prévio, estudando o tema a ser abordado na entrevista e demonstrando tranquilidade na condução das perguntas. Mesmo quando o processo tenha mais de um entrevistado, deve-se passar sobretudo verdade e credibilidade ao público.

Por mais que o entrevistador busque a objetividade nas respostas de seu entrevistado e busque maiores detalhes para desvendar suas verdades, ele deve ficar atento a certos limites.

Por certo, um dos primeiros segredos a desvendar por parte do entrevistado é saber os limites da linha além da qual não pode avançar. O entendimento dessa peculiaridade nunca é estático. Não existe um modelo acabado. Nem mesmo uma última palavra sobre o assunto. No jornalismo moderno, o culto retórico à objetividade tornou-se uma obsessão. Teoricamente, isso significa que a imprensa deve ser neutra. Mas a neutralidade como a objetividade é uma ficção. Como o unicórnio: um animal perfeito, mas que ninguém nunca viu. Nem sabe onde encontrar (VIANA, 2001, p. 81).

Além de todos esses pré-requisitos necessários para o sucesso da entrevista, é preciso que o entrevistador seja, acima de tudo, sagaz para perceber se o entrevistado está sendo verdadeiro em suas respostas e se não está de forma sutil manipulando a entrevista.

Deve-se identificar através da leitura do olhar, dos trejeitos das mãos, dos gestos, da forma como o próprio corpo fala, ficar atento no desvio das perguntas feito, às vezes, pelo entrevistado, revertendo para o que, segundo ele, é considerado positivo aos seus interesses ou aos interesses de quem representa, se for o caso.

O repórter deve conquistar a confiança do entrevistado e com isso dar-lhe segurança para se expor, sem desprezar, porém, uma das principais qualidades de um entrevistador: nunca desistir do ideal pré-estabelecido para a

entrevista, insistir nas perguntas consideradas importantes e esclarecedoras. É grave erro dominar o entrevistado para evitar perder a espontaneidade da entrevista, mas também não se deve deixar dominar pelo entrevistado, nem perder o foco preestabelecido.

No caso específico das entrevistas voltadas para a televisão, Barbero sugere caminhos para que elas possam alcançar sucesso.

A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade do entrevistado. Os gestos, o olhar, o tom de voz, o modo de vestir, a mudança no semblante influencia o telespectador e a própria ação do entrevistador, que ao adquirir experiência consegue tirar do entrevistado mais do que ele gostaria de dizer. Boas entrevistas são as que revelam conhecimentos, esclarecem fatos e marcam opiniões. Quando isso acontece, a notícia avança e abre espaços para novas entrevistas e reportagens (BARBERO, 2002, p. 85).

Não há como analisar a entrevista e suas características sem ter como referência e ponto de partida para compreensão do que vem a ser entrevista na perspectiva dialógica, e recorreremos à Medina (1986) e Morin (1973) dentre outros.

A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. (...) Se quisermos aplicar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo (MEDINA, 1986, p. 5).

O passo a passo da construção de uma entrevista inicia pela discussão do que seria uma boa pauta, e daí à escolha do entrevistado, ao encaminhamento da pauta, à pesquisa sobre a biografia do entrevistado, seus títulos de academia, se for o caso, ou em sua área de atuação profissional, depois sua história de vida, os laços que o levaram a ser o que ele é, são os motivos principais para ser uma pauta considerada para a mídia.

Após o passo-a-passo da construção, segue o que será fundamental para que o tema ou personalidade, juntamente com as informações contidas na pauta, se transformem em um produto final de qualidade, para que a informação atinja seu objetivo, que é o de repassar ao público alvo o a informação sobre o tema em questão.

Em um corte muito particular, Charles Nahoum (*L'entretien psychologique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1958), após a generalização de que todos os profissionais que tratam de problemas humanos – e, por isso, devem ter contato direto com os indivíduos – lidam fatalmente com a entrevista, propõe as seguintes metas: vender, julgar, curar. Médico, juiz, vendedor, sindicalista, seções de pessoal de empresas, jornalista operam cotidianamente com a entrevista. Os mais diretamente ligados à técnica: assistentes sociais, pesquisadores, sociólogos-pesquisadores, psiquiatras, psicanalistas, psicólogos. (O autor deixa de lado os comunicadores) (MEDINA, 1986, p. 09).

E é justamente esse ponto que nos interessa para compreendermos a entrevista na perspectiva dialógica e a entrevista no jornalismo, tendo a técnica como segundo plano, apenas como um apoio e não como ponto de partida. A entrevista faz parte do cotidiano dos indivíduos das sociedades modernas, exemplo: no dia a dia, quando ocorrem questionamentos antes da aquisição de produtos. O vendedor é questionado sobre vantagens e desvantagens do produto, preço, qualidade, garantias e suas respostas farão toda a diferença para decisão de compra do objeto desejado.

Observamos, então, que apesar da entrevista fazer parte do nosso universo diário, cada profissional, segundo Nahoum (1958), tem sua técnica de entrevista necessária ao desempenho de suas funções. Já no jornalismo, especificamente na entrevista, é preciso mais que a técnica, mais que uma pauta bem elaborada com informações precisas, é preciso compreender, mergulhar no universo do outro, em sintonia.

A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU. Toda vida atual é encontro. (Buber, Martin EU e TU, 8ª edição). (in MEDINA, 1986, p.13).

O entrevistador, segundo Medina (apud Morin, 1986, p.13), deve corresponder a uma imagem simpática e tranquilizadora. Espera-se do entrevistador humildade, porém com segurança. Para Medina, a personalidade do entrevistador e seu preparo darão o tom da entrevista, tendo a pauta e a técnica apenas como apoio informativo ao diálogo que deve fluir entre ambos em uma dinâmica de desbloqueio do entrevistado. O olho no olho, gestos

trocados, cumplicidade ao que o entrevistado responde e fala, conversa prévia antes da entrevista acontecer, o entrevistador é um pouco psicólogo.

Esse desempenho extrapauta do entrevistador é fundamental para que entre os agentes, entrevistador e entrevistado, aconteça melhor interação e diálogo. O preparo do entrevistador, sua dinâmica e personalidade, são elementos essenciais para obtenção da entrevista-diálogo.

### 1.1 Os tipos de entrevista

Entrevista é uma expansão da consulta às fontes, para coletar as interpretações e reconstituir um fato. É necessária a aproximação com as fontes e, quando o jornalista realiza bem essa aproximação, a entrevista, então, se torna uma experiência frutífera. Uma experiência de observar atentamente o mundo e ouvir o outro.

Medina (2008, p. 9), *apud* Garrett, em *A entrevista*, seus princípios e métodos, amplia o âmbito dessa prática humana:

...todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistados. Admite também que qualquer dessas situações contém aspectos objetivos e subjetivos. Um ponto básico de sua teorização é projetar corajosamente a técnica para a ARTE da entrevista. Garrett identifica no entrevistar, acima de tudo, a arte de ouvir, perguntar, conversar.

Segundo Edgar Morin (in MEDINA, 1986, p. 14 e 15), há quatro tipos de entrevista:

- 1 – Entrevista – rito: São entrevistas feitas como complemento de eventos e tem que ser naquele momento. Como nos finais de participações em concursos, jogos, programas *The Voice*, por exemplo. Nesse tipo de entrevista os participantes dizem como se sentiram, seus planos, projetos. São entrevistas normalmente rápidas.
- 2 – Entrevista – anedótica: São entrevistas que visam atingir um público que gosta de acompanhar a vida de celebridades. Normalmente, o

entrevistador tenta colher do entrevistado uma situação de envolvimento recente em separações, traições, projetos futuros. As respostas nem sempre trazem compromisso com a verdade, pois ambas as partes visam “ser comentadas” nas redes sociais.

- 3 – Entrevista – diálogo: São entrevistas em que há uma cumplicidade entre o entrevistador e entrevistado, uma conversação em busca da verdade sobre determinados assuntos, muitas vezes ainda desconhecidos do público ou até mesmo do próprio entrevistado que com a ajuda do entrevistador chegam a um consenso no seu desvendamento.
- 4 – Neoconfissões: São entrevistas em que surgem revelações, muitas vezes inéditas ou que trazem aprofundamento com algo ainda desconhecido do público que o entrevistador com habilidade consegue a permissão para divulgação pelo entrevistado. Há uma exposição interior do entrevistado por um assunto que o público anseia em conhecer.

Dentro dessa linha de considerações, vamos observar as duas características que mais nos interessam: De Medina (1986), nosso interesse recai sobre a entrevista diálogo:

O entrevistador e o entrevistado interagem, é mais que uma entrevista, é um diálogo, onde o maior objetivo é passar para o público ouvinte ou leitor não só o aprofundamento e cumplicidade, mas verdade no assunto em questão, seja sobre o próprio entrevistado ou sobre temas que o entrevistado tenha domínio. Não podemos nunca subestimar a capacidade de percepção do público para a verdade ou farsa da entrevista (MEDINA, 1986, p. 15 e 16).

Tanto a bagagem do entrevistador com sua credibilidade, compromisso com o trabalho que realiza e respeito pelo entrevistado ao dar-lhe voz através do diálogo democrático faz sobressair o entrevistado. Isso define, em termos gerais, o êxito de uma entrevista.

Subgêneros da espetacularização, segundo Medina (1986, p.16 e 17), são: 1 – Perfil pitoresco, 2 – Perfil inusitado, 3 – Perfil da condenação, 4 – Perfil da ironia (intelectualizada), um pouco mais sutil que o perfil da condenação, mas bastante usada em *talk shows*.

Para o jornalismo comprometido com a qualidade da informação e com o diálogo, os subgêneros acima citados jamais deverão fazer parte de suas entrevistas, no entanto, os subgêneros da compreensão (aprofundamento) são: 1 – entrevista conceitual, 2 – entrevista / enquete, 3 – entrevista investigativa, 4 – entrevista confrontação, sim.

As entrevistas diálogo e neoconfissões são as mais indicadas para a entrevista dialógica, aquela que busca estudar e conhecer o perfil e características do entrevistado, respeitando a essência de suas declarações. Como já abordamos aqui, a personalidade do entrevistador e conhecimento será referência para forma que conduzirá os encaminhamentos da pauta, transformando informações e questionário em um diálogo com interferências e intervenções inteligentes expostas em tempo certo. E, assim, fugindo ao burocrático da informação seca, apenas noticiada e não compreendida, buscando explorar o caráter propriamente humano do conteúdo da entrevista em foco.

Por esse delineamento da entrevista dialógica, observamos o trabalho de Leda Nagle, em seu programa *Sem Censura*, aspecto a ser observado no capítulo seguinte, além da comunicação que a jornalista estabelece com sua produção.

## Capítulo 2

### **A comunicação e a pesquisa no processo de produção das entrevistas do *Sem Censura***

Neste capítulo discutiremos o processo de comunicação que a entrevistadora, a jornalista Leda Nagle, estabelece com os seus produtores, com seus entrevistados, com seus telespectadores e internautas, ao longo da preparação das entrevistas.

Ao delinear a tal mecânica de comunicação estaremos, de certa forma, mostrando que esse ato interativo é também revelador da pesquisa feita pela produção do *Sem Censura* e pela própria jornalista sobre temas e entrevistados, assim como a pesquisa também indica a comunicação estabelecida entre produção e a entrevistadora.

Quero enfatizar que o ato de armazenar é geral, está sempre presente nos documentos de processo. No entanto, aquilo que é guardado e como é registrado varia de um processo para o outro, até de um mesmo artista. (...) Outra função desempenhada pelos documentos de processo é a de registro de experimentação, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concentração da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo testadas. Encontramos experimentação em rascunhos, estudos, croquis, plantas, esboços, roteiros, maquetes, copiões, projetos, ensaios, contatos, *storyboards*. Mais uma vez, a experimentação é comum, as singularidades surgem nos princípios que direcionam as opções. Cada uma das pegadas deixadas pelo artista fornece ao crítico informações diversas sobre a criação e lança luzes sobre momentos diferentes da criação (SALLES, 1998, p. 12).

As considerações de Salles forneceram-nos coordenadas para que empreendêssemos a entrevista com a jornalista Leda Nagle, na intenção de desvendar seu método.

A entrevista com Leda Nagle ocorreu em uma das nossas idas ao Rio. Entre os pontos explorados na entrevista com a conhecida jornalista constam: de que maneira surge a escolha dos temas e entrevistados do programa, como se dava o processo de escolha e a parte em que havia da jornalista intervenção

direta ou indireta; como sua equipe de produção dividia com ela essa tarefa na decisão das escolhas e se o telespectador do *Sem Censura* intervinha nessas escolhas e pautas. Visto que o programa foi um dos primeiros na TV brasileira a interagir com seu público via redes sociais, Nagle (2016) afirma que essa construção acontece por todos os caminhos, pelas informações que ela e sua equipe têm sobre conteúdos informativos, por *release* de divulgação, pelos telespectadores através de *e-mails*, *Facebook*, *twitter*, pelos fatos que acontecem no cotidiano e pelas ideias que surgem. Leda Nagle relata ainda ser comum quando está em algum lugar como, por exemplo, em uma sala de espera lendo um jornal ou revista, achar algum tema interessante e destacar a folha para levar à redação e lá entregar à produção para agendar.

Caso o recorte trate de uma personalidade, um livro a ser lançado, um trabalho que um artista ou um médico poderia estar realizando ou desenvolvendo de interesse do público do *Sem Censura*, temas que levem ao telespectador conhecimento e entretenimento. Segundo ela, são enviados durante o processo de produção do programa e escolhas dos temas, milhares de recortes e informações com sugestões de temas enviados pelas pessoas que assistem diariamente e que apesar dessas sugestões não serem executadas na íntegra, muitas delas são aproveitadas e viram programas.

Leda Nagle cita um exemplo de como ocorre na prática: “Ah! Olivia Byington, tá lançando um livro, aí eu li isso domingo. Escreveu um livro sobre o filho dela, aí eu fotografei, mandei para o Felipe (produtor do *Sem Censura*) imprimir e a gente vai convidar Olivia pra falar dessa doença rara do filho dela e como é que ela lida com isso, entende? Aí, ao mesmo tempo, as pessoas mandam coisas sugerindo, especialistas em síndrome de Ehlers que Ellen (Roche) é portadora. Há gente que quer vir porque tem um trabalho, que acha que tem que vir aqui, gente que acha que tem que vir... (risos), às vezes o tema não é interessante, mas ela acha que a vida dela é um espetáculo”. (Leda – entrevista, 2016).

Percebe-se na forma de trabalho de Leda Nagle e equipe que aflora ao leitor a necessidade citada por Neto (2008), com sua inclusão no dispositivo virtual, transformando-se num cogestor com afetações mútuas.

## 2.1 A entrevista aberta de Leda Nagle

Nos estudos aqui explorados vimos, dentre outros temas relevantes, a entrevista como diálogo e os modelos de tipos de entrevistas, mas um deles é para o nosso objeto de estudo o que mais interessa, em uma interlocução aberta e dialógica. É justamente nessa tipologia que identificamos as características do estilo de entrevista da jornalista Leda Nagle no programa *Sem Censura*.

Com anos de experiência e a segurança de uma apresentadora com uma biografia com mais de trinta anos de entrevistas diárias, a jornalista conquistou renome, tendo trabalhado como âncora e entrevistadora de alguns dos maiores telejornais e programas de entrevista da TV brasileira, como *Jornal Hoje* e *Jornal da Manchete*.

Dentro desse perfil profissional, registramos a entrevista aberta como uma das principais características do método Leda Nagle de entrevistar, trazendo como ilustração do que dizemos, as palavras da própria jornalista, em seu livro intitulado *Com certeza: Leda Nagle, melhores momentos*, podemos já na introdução do seu livro ver claramente seu método aberto de entrevistar, quando lemos no início de sua introdução, as seguintes palavras da autora.

Como a palavra escrita tem força... E olha que eu faço televisão há mais de trinta anos. Entrevistas na TV, há trinta. E sou muito feliz por isso e com isso. Não fico tensa, leio sobre os assuntos me preparo, mas não elaboro perguntas nem faço planos ou questionários. Gosto de conversar e acho que uma boa entrevista é uma boa conversa, sem voz empostada, sem maiores dramas. É natural, simples. Uma coisa puxa a outra e acontece. Ou não. Algumas entrevistas não acontecem nunca, algumas eu sei por que, outras só posso especular, supor, rir ou lamentar. (NAGLE, 2009, p. 9).

Vê-se claramente em suas palavras como Leda Nagle percebe o ato de entrevistar; vemos ainda, uma das principais habilidades para que aconteça a entrevista aberta, talvez o segredo do sucesso de uma grande entrevista: o domínio do tema e a confiança da entrevistadora ou do entrevistador, a habilidade em conduzir o diálogo sem perder o foco, dando voz e destaque, ao mesmo tempo, ao entrevistado, deixando-o confiante, cumplicidade, fator que

revela ao telespectador a sinceridade e verdade da entrevista, revelando também, nessa pontuação, a entrevista dentro da perspectiva dialógica, segundo Medina (1986), interagindo e passando ao público aprofundamento e não um modo autoritário de entrevista, onde se faz notória a manipulação do entrevistador ao direcionar e induzir a resposta do entrevistado.

Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios. Esta situação, que pode ser rotulada de ideal, se realiza no cotidiano, até mesmo em uma entrevista jornalística levada às últimas consequências. (MEDINA, 2008, p.8).

Podemos ressaltar, neste capítulo, ainda partes da entrevista realizada com Leda Nagle sobre seu processo de criação, quando lhe perguntamos sobre uma das questões mais corriqueiras da rotina de um jornalista e entrevistadora, o imprevisto, e ela nos respondeu que em um programa diário, como o *Sem Censura*, com vários entrevistados e temas, o imprevisto acontece todo dia. Ela disse que, às vezes, as pessoas rendem, às vezes não, então entra o imprevisto seguido pelo domínio, tranquilidade e experiência do entrevistador. Outro ponto importante sobre como funciona seu método, ressaltado pela jornalista, diz respeito às anotações que faz durante as entrevistas. Exemplo: ela está entrevistando alguém e o entrevistado fala sobre algo que necessariamente não faz parte daquela entrevista, daquela pauta; entretanto, se ela achar interessante para um próximo programa o que o entrevistado falou, repassa as anotações à produção, que irá pesquisar sobre o tema, dando origem a uma pauta para o programa. Leda Nagle afirma ainda que não dá pra desperdiçar pauta, pois o programa tem uma média de vinte e cinco entrevistados por semana.

Nas prestações de contas que o artista faz a si mesmo, são encontrados, em anotações, índices relativos à sua percepção. É o artista exposto a informações, recolhendo e acolhendo tudo o que, de algum modo, lhe atrai (SALLES, 1998, p. 122).

## 2.2 Marcação, pesquisa e comunicação

No decorrer do processo de elaboração das entrevistas do *Sem censura*, observamos que a comunicação entre os produtores e a entrevistadora também revela, entre questões gerais do ato comunicativo, a busca incessante pela pesquisa sobre os entrevistados, sobre o assunto a ser tratado no programa. Leda Nagle informou que sua comunicação com sua equipe de produção é intensa, o dia inteiro, por *e-mails*, *whatsapp*, com uma rotina voltada para o programa. Ela disse que é quase automático pensar na produção do *Sem censura*.

Quando chego cedo, passo ali embaixo, pego minha comida, subo, sento ali para comer e já vou falando, falando e rola, não tem uma reunião de pauta, não tem isso. Eu falo assim. - Gente, precisa fazer um programa, tipo tudo em casa, tudo que você pode ter em casa. Pode pedir fisioterapia em casa, pedir que o cara cozinhe em casa, pode pedir para organizar, pode pedir um cachorro, tem até vó de aluguel, e aí cada um vai botando suas ideias, assim, tudo misturado. (NAGLE, 2016).

O *Sem censura* é um dos pioneiros, na televisão brasileira, em interagir com seu público através de várias plataformas comunicacionais, adaptando-se ao rápido processo de desenvolvimento das comunicações, com o surgimento das novas plataformas e dos seus dispositivos móveis e aplicativos de tecnologia acelerada e imediata. O programa vem ao longo dos seus vinte anos de audiência sob a batuta de Leda Nagle utilizando esses recursos para maior e imediata interação com seu público.

E lembrou quando a telefonia era um dos recursos mais utilizados no início do programa. Segundo Leda Nagle (2016), o programa dispunha de telefonistas que atendiam aos telespectadores e anotavam suas perguntas, depois passou a ser por fax, depois por *e-mails* e, agora, integrando-se à trama dos recursos que auxiliam à produção, *Instagram*, *Twitter*, *Facebook*. Atualmente, foram retirados os contatos dos telefones durante a exibição do programa ao vivo, pelo fato de ser pequena a equipe de produção para atender a todas as demandas.

A jornalista lamenta o fato de o programa ter sido precursor no uso de recursos tecnológicos e, atualmente, ter se reduzido, por falta de pessoal suficiente em sua equipe. Com isso, a interação com o seu público perdeu lugar para as grandes emissoras, que disponibilizam mais recursos tecnológicos e de pessoal.

As pesquisas da produção do *Sem censura*, referentes aos temas e entrevistados, não só são utilizadas como subsídio de fonte informativas para apoio da jornalista na condução das entrevistas, mas também como fonte informativa entre os entrevistados do programa. A ideia surgiu da própria Leda Nagle. Antes de iniciar cada programa, e já com os convidados em estúdio, é entregue a cada um dos entrevistados um bloco de anotações, contendo informações pessoais de cada um dos participantes, como nome, profissão e um pequeno *release* do tema que irá abordar naquele programa.

A ideia é dar mais dinamismo ao programa, para que cada um dos entrevistados possa ter conhecimento básico não só sobre o tema do outro, mas sobre o outro, facilitando a interação dos entrevistados e tornando a entrevista em um bate-papo, passando, assim, para o público do programa não só conhecimento sobre os temas abordados, mas leveza ao se obter informação e entretenimento. Segundo Nagle, as apresentadoras anteriores do *Sem censura* entrevistavam um convidado por vez, o que, para ela, tornava o programa muito monótono. E assim, com todos interagindo ao mesmo tempo, o programa fica mais oxigenado, mais envolvente.

De acordo com a apresentadora, a entrega dos blocos de anotações repassados pela sua produção aos entrevistados serve não só para passar as regras e a proposta do programa para que todos interajam, mas, sobretudo, presta-se como meio para se sentir melhor cada um; para se sentir se aquele entrevistado está menos ou mais tenso que os demais. E a partir desse termômetro pessoal da entrevistadora, com seu *feeling*, poder decidir qual será o entrevistado que iniciará o programa. Porém, ela ressalta que a importância dos temas também é relevante para essa escolha, pois é determinante para atrair a atenção e interesse do público. É fundamental abrir o programa com um assunto de interesse social e um entrevistado que tenha bom domínio sobre o tema que irá tratar.

E assim, em um breve contato com seus convidados nos momentos que antecedem o programa, Leda Nagle vai definindo o ritmo do *Sem censura* daquele dia.

### **2.3 A entrevista aprofundada, humanizada e dialógica de Leda Nagle**

Informação, aprofundamento e credibilidade. Esses são os principais atrativos que o público (telespectador/internauta/leitor) anseia ao acionar o controle remoto de sua TV (via canais fechados ou abertos) e acessar a Internet através de dispositivos como computadores, tabletes ou celulares. Isso vale, inclusive, para a busca de acesso a portais de informação e entretenimento, na procura por entrevistas, cuja conceituação define essas entrevistas como abertas e aprofundadas.

A capacidade de aprofundar as questões a partir de respostas torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas. Uma das dificuldades é que o pesquisador deve ter afiada capacidade de manter o foco e garantir a fluência e a naturalidade. Flexível e permissiva, exige habilidade para não se perder no irrelevante ou torná-la uma conversa agradável, mas improdutiva (DUARTE E BARROS, 2012, p. 68 e 69).

É justamente essa afiada capacidade de ter controle, domínio da entrevista e ao mesmo tempo fazer dela um diálogo, que tornam as entrevistas de Leda Nagle, como ela mesma define, “uma troca”. Para a jornalista, o *Sem censura* deve acontecer como se fosse um bate-papo na casa de alguém no sábado à noite, em que se discutem ideias, em que se concorda ou discorda, em que se fica não só à vontade, mas seguro para expor seus conhecimentos e opiniões, seja sobre música, culinária, saúde, estilo de vida e filosofia, ou o futuro da humanidade, política etc. Tudo isso sem perder o humor e a descontração.

Para Nagle (2016), construir o programa nessa linha fica muito mais fácil de fazer e de se ver. A jornalista afirma que, por ser curiosa, e pelo fato de a

entrevista ser uma das suas maiores paixões, ainda gosta de fazer o *Sem censura*, e que aprende a cada programa. No entanto, enfatiza: “Eu gosto quando todo mundo vai junto, sabe? Todo mundo abraçado na mesma direção”.

Por essa ótica da descontração, da simplicidade e da profundidade, todos unidos no mesmo clima e propósito, é que desvendamos, no passo a passo de nossa pesquisa sobre O método Leda Nagle de entrevista, os rastros da entrevista humanizada, encontrada nos estudos da teórica Cremilda Medina, um dos principais contributos para nossa análise.

Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente se faz presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, numa cronologia rígida, de uma presentificação radical, uma personagem que ultrapassa estes ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já contraria esta fórmula. O entrevistado passeia por atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço (MEDINA, 1986, p. 43).

Observamos, ainda, os aspectos do estilo da entrevista dialógica e aberta, através da maneira com que a jornalista e apresentadora Leda Nagle fala da forma de como pensa e constrói as suas entrevistas, principalmente quando diz não trabalhar com roteiros, por não gostar de anotar nada. E cita até a colega também jornalista e entrevistadora Marília Gabriela, quando lembra que Marília ao entrevistar traz consigo um roteiro de perguntas por ela construído. Ela, Leda Nagle, porém, não funciona assim: ela estuda o assunto, e a partir dos primeiros contatos com seu entrevistado, as perguntas vão surgindo. A jornalista só faz anotações quando sua fala e o raciocínio da pergunta é interrompido, levando para outra direção diferente da que estava sendo tratada durante as entrevistas daquele programa. Então, anota o que estava sendo dito para não esquecer, caso ache certa pergunta relevante. Outro ponto surpreendente do método de construção é uma agenda de avaliação que Leda Nagle desenvolveu para avaliar o desempenho dos seus entrevistados.

## SEM CENSURA

CÓPIA EM BRASÍLIA  
XD 274344

DATA: 04.05.2015 – SEGUNDA-FEIRA

EPISÓDIO 020

Convidado	Crédito	Assunto	Nº Fita	Tempo da Entrevista	
1 ALEXANDRE MERHEB 2º BLOCO	NUTRÓLOGO ótimo!	DIETA 100% SEM AÇÚCAR	XD 317131	02' 20" 13' 37"	Apresentadora e Editora- Chefe Leda Nagle BLAZER NUNCA BARRA DE OMBRO
2 BRUNA MURTA 1º BLOCO	NUTRICIONISTA ótimo!	RECEITAS SEM AÇÚCAR	XD 317131	13' 00" 14' 23"	CAMISETA PANTFONE
3 CARLOS MARCHI 1º BLOCO	JORNALISTA E ESCRITOR ótimo!	LIVRO "TODO AQUELE IMENSO MAR DE LIBERDADE"	XD 317131	32' 05" 17' 05"	BRINCOS PÉLO BARRA ARRAUDA MANTA
4 JOAQUIM LOPES 3º BLOCO	ATOR ótimo!	PEÇA "ANTI-NELSON RODRIGUES"	XD 317131	54' 05" 22' 25" 05' 06" 47" 03' 30"	COLAR MANTO SANTO, MAIS CORONA
5 BRUCE GOMITVSKY 3º BLOCO	DIRETOR TEATRAL ótimo!	PEÇA "ANTI-NELSON RODRIGUES"	XD 317131	30' 20" COM 36' 00" 17" 43' 25"	LENÇO SEM LENÇO
6 SAM ALVES 3º BLOCO	CANTOR ótimo!	CD "ID"	XD 317131	01' 09" 45" 06' 20"	PULSEIRA

esse nutricionista  
01' 20" 55"  
03' 20"

BE WITH ME  
02' 25" 07"

B.O. Gualberto  
PANTFONE  
MANTO

Figura 1 – Tabela de avaliação de Leda Nagle

Como se pode ver, a tabela exhibe notas de critérios de avaliação bom, ótimo e ruim. Partindo dessa avaliação realizada pessoalmente pela entrevistadora a cada programa, os entrevistados que tiveram desempenho satisfatório ficam registrados na agenda do programa, e caso venha a ser abordado novamente o tema de seu domínio, será novamente convidado a voltar. Porém, para a jornalista, esta agenda deve ser de conhecimento exclusivo de sua produção, por preservar a privacidade de seus entrevistados.

Apesar de não permitir acesso a documentos específicos de processo, foi-nos permitido verificar o modelo da agenda utilizado por Nagle, o que se mostrou precioso contributo à nossa pesquisa, na busca de compreender “o método Leda Nagle de entrevista”. Dentre outros critérios que permitem à jornalista selecionar os entrevistados, a Agenda de Avaliação é um dos que melhor permitem compreender como funciona o processo construtivo de uma das maiores entrevistadoras da TV brasileira. Vemos que o fato do entrevistado ser ou não ser grande celebridade, não determina sua volta ou não ao *Sem*

*censura*, mas sua capacidade de articulação, domínio do que se propôs a falar, esses, sim, são fatores determinantes para uma possível volta.

Um programa que tem cerca de 25 entrevistas por semana, com qualidade nas escolhas e pesquisas de seus temas, mostra ser democrático, quando não só traz ao seu estúdio temas e entrevistados de grande repercussão midiática, mas também temas e entrevistados que contribuam para o entretenimento, bem como para ampliar o conhecimento de seu público.

### **O método documentos de processo**

Método científico é o conjunto de procedimentos, definidos pelo pesquisador, que devem ser seguidos para a produção de conhecimentos que têm o rigor da ciência, já que o método é empregado para a pesquisa e comprovação de um determinado conteúdo. (Disponível em <https://www.significados.com.br/metodo-cientifico/>. Acesso em setembro 2016). Se nos for permitido o emprego da expressão mais simples, diremos que *método* é a melhor maneira de realizar algo, com economia de tempo e energia. Razão pela qual seu emprego sempre pressupõe organização, previsão e disciplina. Há autores, a exemplo de Pedro Demo (1995), que assinalam que método científico varia de investigação para investigação, porque depende do desenho empregado em cada atividade de estudo e descoberta.

Ao considerarmos a especificidade de nosso objeto de pesquisa, serão através das coordenadas trazidas pelas pesquisadoras Salles (1986) e Moura (2007) que pautaremos nossa construção investigativa. É importante considerar, de início, que Sales ampliará a noção de manuscrito, e o circunscreve ao que denomina de *documentos de processo*. Já Moura irá empregar este conceito nos domínios do jornalismo, ampliando, um pouco mais, assim, o que podemos chamar de “região” recoberta pelo conjunto teórico-metodológico. A investigação de Moura trouxe relevantes contributos ao emprego, no âmbito do jornalismo, das coordenadas de Sales, e que nos

permitem adentrar no universo criativo da apresentadora e jornalista Leda Nagle, na busca de desvendar seu método de entrevistar.

Para Salles, o que interessa aqueles que investigam através do método documentos de processo:

Não é uma interpretação do produto considerado final pelo artista, mas do processo responsável pela geração da obra. A ênfase dada ao processo não ocorre em detrimento da obra. Na verdade, só nos interessamos em estudar o processo de criação porque essa obra existe. Se o objeto de interesse é o movimento criador, este, necessariamente, inclui o produto entregue ao público (SALES,1998, p. 13).

O que o este extrato de Sales anuncia é que, ao empreendermos investigação com nesta direção, tanto passamos a compreender o modus operandi de determinado autor, como mergulhamos na subjetividade encontrada nos rastros deixados pelos documentos a serem interpretados. Corroboram com o pensamento de Salles, as definições apresentadas por Morin, que afirmam que:

O indivíduo não é somente um conceito teórico. É um paradigma, ou seja, um conceito que produz a necessidade de reconhecer e de situar a problemática do indivíduo em todas as descrições, concepções, teorias relativas à vida. O pensamento biológico moderno penetrou na via do paradigma do indivíduo, porque conferiu o papel central e onnipresente a uma noção constitutiva do indivíduo: a singularidade. A onnipotência do paradigma de generalidade é desfeita por uma biologia que reconhece a presença dum princípio de singularidade na molécula, na célula, na espécie (...). O pensamento biológico reconhece cada vez mais os caracteres individualizados do comportamento animal. Melhor ainda, o pensamento biológico fez emergir, no campo imunológico a ideia do si, na qual e pela qual o ser individual adquire corpo e consistência (MORIN,1980, p. 249).

Este trecho de Morin, armado por raciocínio comparativo, explora o sentido da singularidade, que é o que brota quando avançamos sobre as tramas trazidas pelos documentos que denunciam as operações realizadas por este ou aquele indivíduo. E ao assim proceder, adentra-se um pouco na singularidade do indivíduo, não só pela ótica genética, mas pela busca do conhecimento da mente humana e de como funciona seus processos, como viabiliza a criação de uma obra via documentos de processo; de como cada estilo se constrói. É justamente pelos rastros deixados pelo indivíduo criador,

na massa de documentos que produziu, que o método pode desvendar a *gênese* autoral.

Desvenda-se, então, o método de Leda Nagle de entrevista quer através dos programas que vão ao ar, das mídias sociais utilizadas como plataformas de comunicação direta com o público do *Sem censura*, de conversas informais realizadas com a jornalista e sua equipe, entrevista realizada com ela, mas, também, analisando documentos de processos que são pautas utilizadas pela produção do programa e a nós repassadas.

Consideraremos, nas próximas páginas, as orientações teóricas baseadas em Moura (2007), que através do método documentos de processo, desenvolvido por Salles (1996), o transpõe para o universo jornalístico. Moura desenvolve estudos sobre o processo criador do jornalista Caco Barcellos na construção do seu livro ***Rota 66 – a história da polícia que mata***. Durante a realização de sua pesquisa, a jornalista Sandra Moura teve acesso – como documentos de processo – a uma expressiva quantidade de caixas, contendo diversos arquivos acumulados pelo jornalista e repórter investigativo Caco Barcellos, ao longo do percurso construtivo do *Rota 66*. Lá estavam anotações de próprio punho do jornalista, do período em que entrevistou testemunhas e familiares de vítimas assassinadas pela polícia de São Paulo; recortes de jornais e revistas que mencionavam os assassinatos; cópias ou transcrições de dados de processos judiciais, laudos de exames cadavéricos etc. Esse *dossiê* construído por Caco Barcellos no processo de elaboração do livro, e repassado à pesquisadora, segundo ela, foi entregue pelo jornalista em envelopes e pastas, além de fichas criadas por ele para registrar dados junto ao *Notícias Populares* e ao *Instituto Médico Legal de São Paulo*, além de fotografias, listas com nomes dos matadores etc. A partir desse rico e precioso material em mãos, a pesquisadora pode então adentrar no leque de documentos de processo a ela disponibilizado e iniciar sua jornada a desvendar através de cada análise de documentos a trajetória percorrida pelo jornalista e repórter investigativo na elaboração da obra de seu livro reportagem *Rota 66 – a história da polícia que mata*. Outros documentos relevantes para os estudos da pesquisadora foram as muitas conversas e entrevistas aprofundadas com o jornalista sobre as fases que passou o processo investigativo do Livro *Rota 66*

– a história da polícia que mata. De posse dos documentos Moura realiza análise minuciosa de cada rabisco, cada anotação em algum momento utilizada pelo autor, cópias de telex enviadas por delegados à polícia civil, laudos de exames cadavéricos, boletins de ocorrências, códigos rabiscados por Caco Barcellos em um pedaço de papel. Documentos que são lidos e interpretados pela pesquisadora que se transformam em instrumento de compreensão para desvendar como funciona o processo construtivo jornalístico que conduz ao método Caco Barcellos. Dentro dessa perspectiva, faremos análise ampla dos documentos de processo utilizados e construídos pela jornalista e apresentadora Leda Nagle na produção do Programa Sem censura. Ressalte-se que o material foi obtido por meio desta pesquisa. Para alcançar os nossos objetivos, utilizaremos manuscritos, pautas, anotações pessoais da própria jornalista, que é, em substância, são o caminho que nos levam ao método Leda Nagle de entrevista.



Figura 2 – Rotinas da redação

## Capítulo 3

# Documentos de processo e o método de Leda Nagle

### 3.1. O conceito de Crítica Genética e Documentos de Processo segundo Cecília Salles

A crítica genética surge na França no final dos anos 60, com Louis Hay, do *Centre National de Recherche Scientifique – CNRS* –, cujo propósito era compreender o processo criativo dos escritores literários, tomando-se os rastros deixados em seus manuscritos, rascunhos, anotações pessoais, escritos à mão ou à máquina, como capazes de revelar o processo criativo de determinada obra.

Diante da observação da crítica genética no processo de criação literária, Cecília Salles entende que a crítica genética estava limitada aos estudos literários, quando esta tem por motivação recompor o processo de construção da obra feito pelo artista através das pistas deixadas por ele durante a sua conformação, pondo, portanto, a descoberto aspectos importantes da genética laboral literária.

Partindo dessa lógica, Salles amplia a crítica genética para algo maior, como capaz de expandir os estudos para os rastros e documentos, manuscritos, rascunhos, anotações pessoais, contatos e tantos outros processos criativos que vão além da literatura. A crítica genética abre-se, então, a continente mais amplo, para as artes em geral, incluindo as artes plásticas, o teatro, o cinema, a música etc.

Salles cria, então, documentos de processo com o propósito de fazer com que o método funcione como registro da memória de criação da obra, mas também como suporte para novas criações artísticas e compreensão de como

trabalham a mente e o que dela se depreende de sistemática do artista durante a construção ou criação de sua obra, seja ela qual for.

A crítica genética abre espaço para o universo interpretativo além dos domínios do emprego das palavras, que vêm a ser documentos de processo, tendo a semiótica de linha peirceana como referência do que se tornaria no Brasil o “Centro de Estudos de Crítica Genética de Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC/SP)”, instituto que é tido como o grande responsável pela ampliação da crítica genética no país.

Sendo assim, os avanços significativos da crítica genética ao que entendemos ser hoje os documentos de processo, e a dimensão que esses documentos podem atingir, são transportados à realidade do mundo midiático. Na atualidade, podemos observar que novos documentos se apresentam continuamente, em especial através das tecnologias e das redes sociais.

Carlos Fadon Vicente trouxe importantes contribuições ao CECG/SP – especificamente no que se refere à pesquisa de métodos de criação em hipermídia – *ad finem*, incentivando a pesquisa “Arte / Comunicação: processo de criação por meios digitais”, no período de 2001 a 2003.

Ao adentrar na hipermídia, a crítica genética – *ad finem*, abre o leque de possibilidades em novos documentos de processo, permitindo assim observar desde uma obra concebida com ajuda dos recursos gráficos do computador, o passo a passo, por exemplo, da criação de um projeto arquitetônico registrado nos arquivos computadorizados, assim como em trabalhos divulgados de obras de diversas áreas das artes, nas múltiplas plataformas de comunicação disponíveis através da Internet, nas redes sociais e seus diversos aplicativos, hoje bastante utilizados pelos artistas durante seus processos de construção.

Esse é um instrumental bastante produtivo, que ajuda a compreender a singularidade e a especificidade do artista em seu processo criador, além de permitir o comparativo individual de cada obra e artista, com o fim de classificar a generalidade de traços comuns dessas obras.

Mesmo diante, porém, de todas as possibilidades interpretativas que os novos documentos de processo permitem na atualidade, Salles e Daniel Cardoso no artigo “Crítica de Processo – um estudo de caso”, fazem a seguinte ressalva:

Muitas dessas obras se dão no estabelecimento de relações, ou seja, na rede em permanente construção que fala de um processo, não mais particular e íntimo. Cada versão da obra pode ser vista de modo isolado, mas se assim for feito, perde-se algo que a natureza da obra exige. São obras que nos colocam, de algum modo, diante da estética do inacabado; nos incitam a seu melhor conhecimento e ao conseqüente acompanhamento crítico dessas mutações (SALLES, CARDOSO, 2007, p.1).

É possível, então, compreender que o processo criativo da obra nos revela, também, o inacabado, da mesma forma que o artista, ao concluir uma obra, nem sempre exhibe no produto final o ideal por ele desejado. Uma obra pode estar sempre em processo de releitura e de construção.

### **3.2 A propósito dos procedimentos**

Como forma de melhor compreender a sistemática da jornalista, analisaremos, nesta unidade, um dos seus programas, gerado no dia 4 de maio de 2015, que teve como critério de seleção a nossa presença *in loco*. Com base nos tópicos previamente discutidos neste trabalho, mostrou-se necessário e viável analisar mais a fundo o programa “Sem censura”, de maneira que seja possível entender as características do texto da apresentadora, suas pautas, seus métodos de entrevista e de intervenção nas conversas entre os convidados de cada programa, bem como suas técnicas e estilos jornalísticos.

A rotina de Leda Nagle é gravar cinco programas na semana. Durante cinco dias na TV Brasil do Rio, de segunda à sexta, ela fica lá. São 24

profissionais na equipe do programa. Leda se envolve em cada etapa da produção, da pauta até as ideias iniciais, até o estúdio. A rotina, na verdade, é corrida. Quando Leda chega, dá uma olhada na edição para ver como está o programa do dia. Aí, conversa com a equipe e vai organizar os *e-mails*. E faz um último estudo nas pautas. Enquanto isso, uma outra parte da equipe já vai tocando a reunião para organizar o programa. E entre uma atividade e outra, no intervalo de almoço, ela pega sua “quentinha” e sobe para ganhar tempo. Acredita que todas as pessoas têm boas histórias para contar; só depende de como você olha para elas. A Direção do programa é de Cristina Ferreira. O programa é diário, e muitos grandes nomes já passaram por lá.



**Figura 3** – Sala Master

No programa do dia 04 de maio de 2015, a pauta principal girou em torno de saúde, trazendo o tema “Dieta 100% sem açúcar”, oportunidade na qual tanto se tratou de receitas sem adição de açúcar, como também foram convidados para falar sobre temas relacionados às dietas o nutrólogo Alexandre Merheb e a nutricionista Bruna Murta.

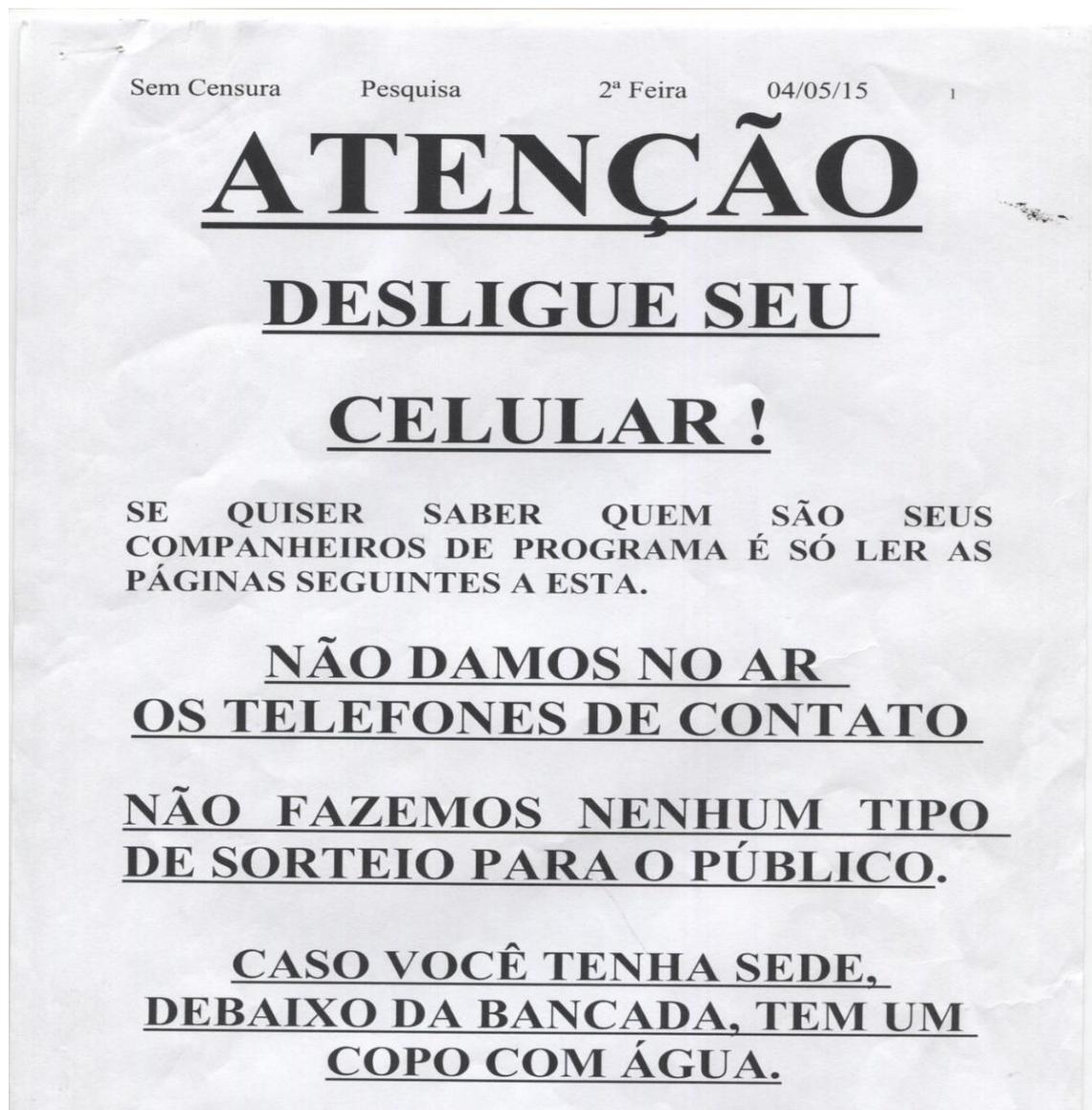
O programa trouxe ainda o jornalista Carlos Marchi, que falou sobre seu livro *Todo aquele imenso mar de liberdade*; o ator Joaquim Lopes e o diretor Bruce Gomlevsky, que falaram sobre a nova montagem da peça “Anti-

Nélson Rodrigues”, à época em cartaz no Rio de Janeiro; além do vencedor do *The Voice Brasil 2013*, o cantor Sam Alves, que trabalhava no lançamento de seu segundo CD.

Apesar do *Sem censura* ser um programa de temas diversos, é possível identificar nele – através dos documentos de processo, como pautas, pesquisas e textos diversos – abertura e possibilidade de interação não só dos temas discutidos nos programas, como também os participantes têm a oportunidade de opinar sobre os temas que serão abordados no programa. Isso se justifica pelo fato de cada um deles receber, antes do início do programa, um resumo de todos os temas a serem tratados e os tópicos principais a serem abordados por cada um dos convidados.

Espera-se, com isso, que todos os participantes estejam a par dos assuntos e possam pensar, previamente, a melhor maneira para tomar parte dos diálogos com seus comentários e opiniões, caso isto lhes seja solicitado no decorrer do programa.

No material impresso distribuído com os convidados do *Sem censura*, pela produção do programa, e antes da entrevista, há lembretes com as recomendações que eles devem seguir: “Atenção, desligue seu celular!”, “Não damos no ar os telefones de contato”, “Não fazemos nenhum tipo de sorteio para o público”, “Caso você tenha sede, debaixo da bancada, tem um copo com água”.



**Figura 4** – Documento de recomendações ao entrevistado

Nesse caso, essas recomendações refletem o ato comunicativo das entrevistas do *Sem censura*. Salles (1998) observa que na intimidade do processo são travados diálogos intra e interpessoais. O primeiro refere-se ao diálogo interno, “é o artista falando com ele mesmo” (1998, p. 43). O segundo trata-se do diálogo externo, da comunicação que promove a troca de informações entre duas ou mais pessoas.

Os procedimentos recomendados pela produção aos convidados de Leda Nagle, aqui classificados quanto ao seu aspecto interpessoal, têm a função de contribuir com a construção do programa, para isso, orienta os

entrevistados a respeitarem as regras gerais de silêncio e organização, recomendando a que não atrapalhem a gravação.

Esse aspecto interpessoal expresso no documento de processo do *Sem censura*, aqui mencionado, também se propõe a promover a interação entre os convidados, na medida em que disponibiliza informações sobre cada um deles para que se conheçam, assim como está expresso na frase “Se quiser saber quem são seus companheiros de programa é só ler as páginas seguintes a esta”.

As informações sobre os entrevistados apresentam dados biográficos e sobre a temática a ser tratada por eles nas entrevistas. Vejamos o levantamento feito pela produção – e disponibilizada para todos os convidados – sobre o nutrólogo Alexandre Merher, um dos entrevistados do programa do dia 4/5/2015.

Sem Censura      Pesquisa      2ª Feira      04/05/15      2  
**O NUTRÓLOGO ALEXANDRE MERHEB FALA SOBRE A DIETA 100% SEM AÇÚCAR.**

PARA O NUTRÓLOGO **ALEXANDRE MERHEB**, O CORTE DO AÇÚCAR GERA EFEITOS RÁPIDOS NO FUNCIONAMENTO DO CORPO E NA BALANÇA. CONFIRA ABAIXO ALGUNS BENEFÍCIOS DA DIETA *SUGAR FREE*.

O AÇÚCAR É APENAS UM ALIMENTO CALÓRICO. ELE TEM BAIXA QUALIDADE NUTRICIONAL E NÃO OFERECE NENHUM BENEFÍCIO AO ORGANISMO. O CONSUMO EXCESSIVO GERA O AUMENTO DA INSULINA, UM HORMÔNIO ALTAMENTE INFLAMATÓRIO QUE CAUSA O ACÚMULO DE GORDURAS. COM ISSO, O CORPO NÃO GASTA TANTA ENERGIA QUANTO É CONSUMIDA E ESTOCA O EXCESSO EM FORMA DE GORDURAS. AO CORTAR O AÇÚCAR DA DIETA, É POSSÍVEL AFINAR A SILHUETA EM ATÉ 1 MÊS.

O VÍCIO EM AÇÚCAR É MUITO MAIS COMUM DO QUE SE IMAGINA. CERCA DE 90% DAS DOENÇAS MODERNAS ESTÃO RELACIONADAS AO CONSUMO DA SUBSTÂNCIA. O AÇÚCAR EM EXCESSO ESTÁ LIGADO A DOENÇAS COMO DIABETES E OSTEOPOROSE. TAMBÉM ESTÁ ASSOCIADO A LESÕES NOS VASOS SANGUÍNEOS, ENVELHECIMENTO PRECOCE, DIFICULDADE DE CONCENTRAÇÃO, DISTÚRBIOS DO SONO, IRRITABILIDADE E CÁRIES NOS DENTES. A ELIMINAÇÃO DA SUBSTÂNCIA TRAZ VANTAGENS COMO A PERDA DA FOME E DA COMPULSÃO, A DIMINUIÇÃO DA ANSIEDADE E DO CANSAÇO E A MELHORA DE PROBLEMAS GASTROINTESTINAIS, COMO AZIA E REFLUXO.

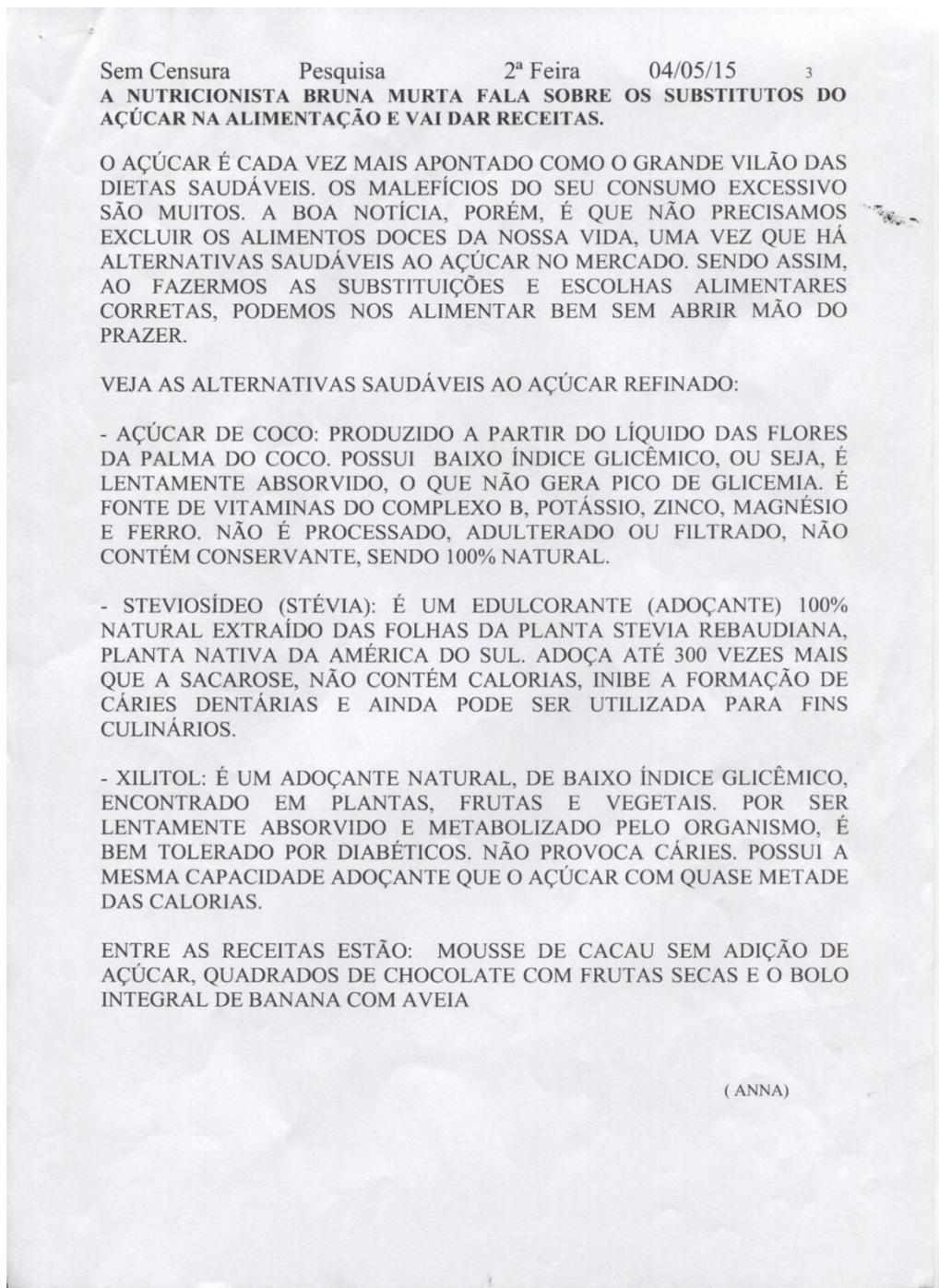
O AÇÚCAR CONSEGUE IMPREGNAR AS PAPILAS GUSTATIVAS. AO ELIMINAR A SUBSTÂNCIA, O PALADAR FICA MAIS APURADO. PARA QUEM ESTÁ COM DIFICULDADE DE CORTAR OS DOCES, A DICA É APOSTAR NAS FRUTAS QUE, ALÉM DO AÇÚCAR NATURAL (FRUTOSE), CONTÉM FIBRAS E VITAMINAS. MAS, FIQUE ATENTO AOS EXAGEROS. A FRUTOSE PODE CAUSAR ALTOS ÍNDICES DE GLICOSE, QUE SIGNIFICAM MAIS GORDURA ACUMULADA.

ALEXANDRE MERHEB É MÉDICO ESPECIALISTA EM EMAGRECIMENTO, ANTIAGING E REPOSIÇÃO HORMONAL. FORMADO PELA FACULDADE DE MEDICINA DA UFRJ E MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NUTROLOGIA, O DR. ALEXANDRE MERHEB FOI O PRIMEIRO MÉDICO NO BRASIL A TER O TÍTULO DE MESTRE EM NUTROLOGIA. TAMBÉM ESPECIALISTA EM MEDICINA DESPORTIVA E MEDICINA ORTOMOLECULAR FOI CONSULTOR PARA ASSUNTOS NUTRICIONAIS DE DIVERSAS SELEÇÕES OLÍMPICAS, COMO AS DO VÔLEI, REMO, NATAÇÃO, TÊNIS, JUDÔ E ATLETISMO.

(ANNA)

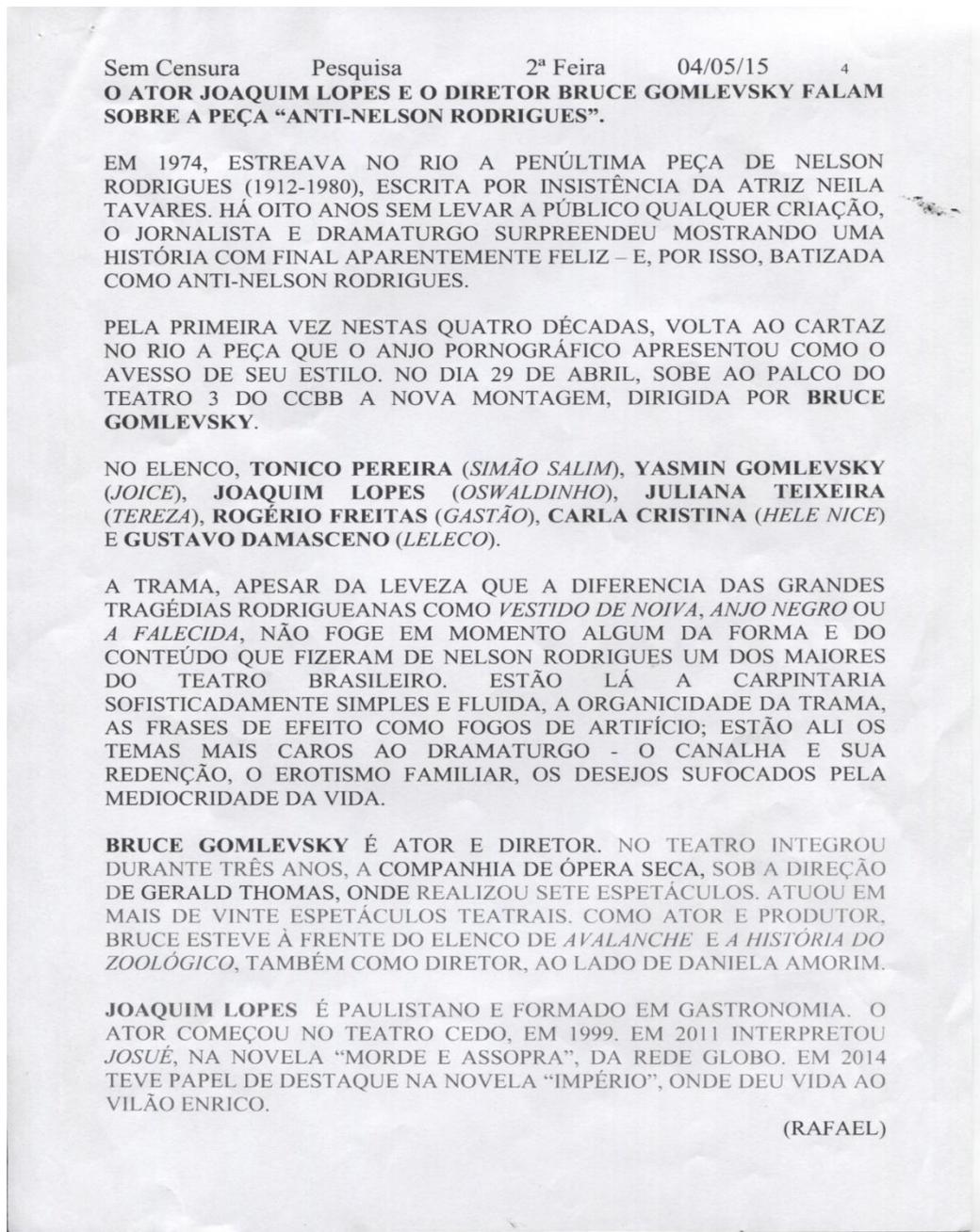
**Figura 5** – Informações sobre o tema e sobre o entrevistado

Na mesma linha seguem os dados sobre a nutricionista Bruna Murta, que fala sobre os substitutos do açúcar na alimentação. A pesquisa traz informações sobre ela e sobre a sua temática.



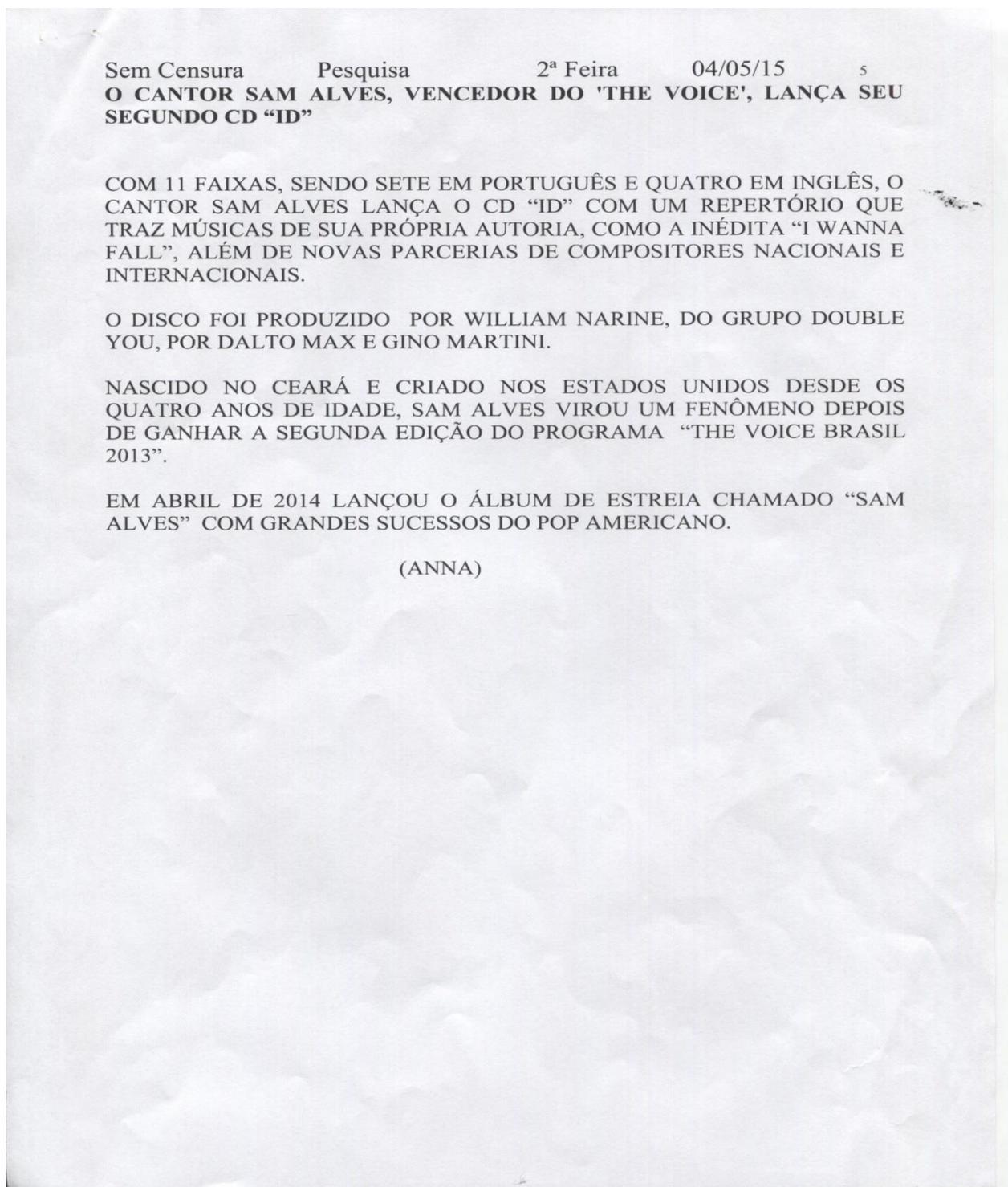
**Figura 6** – Informações sobre o tema e sobre o entrevistado

Sobre os dois outros entrevistados, o ator Joaquim Lopes e o diretor Bruce Gomlesvky, o documento traz informações sobre a peça “Anti-Nelson Rodrigues” e na mesma página os dados sobre os dois que falaram sobre o mesmo assunto.



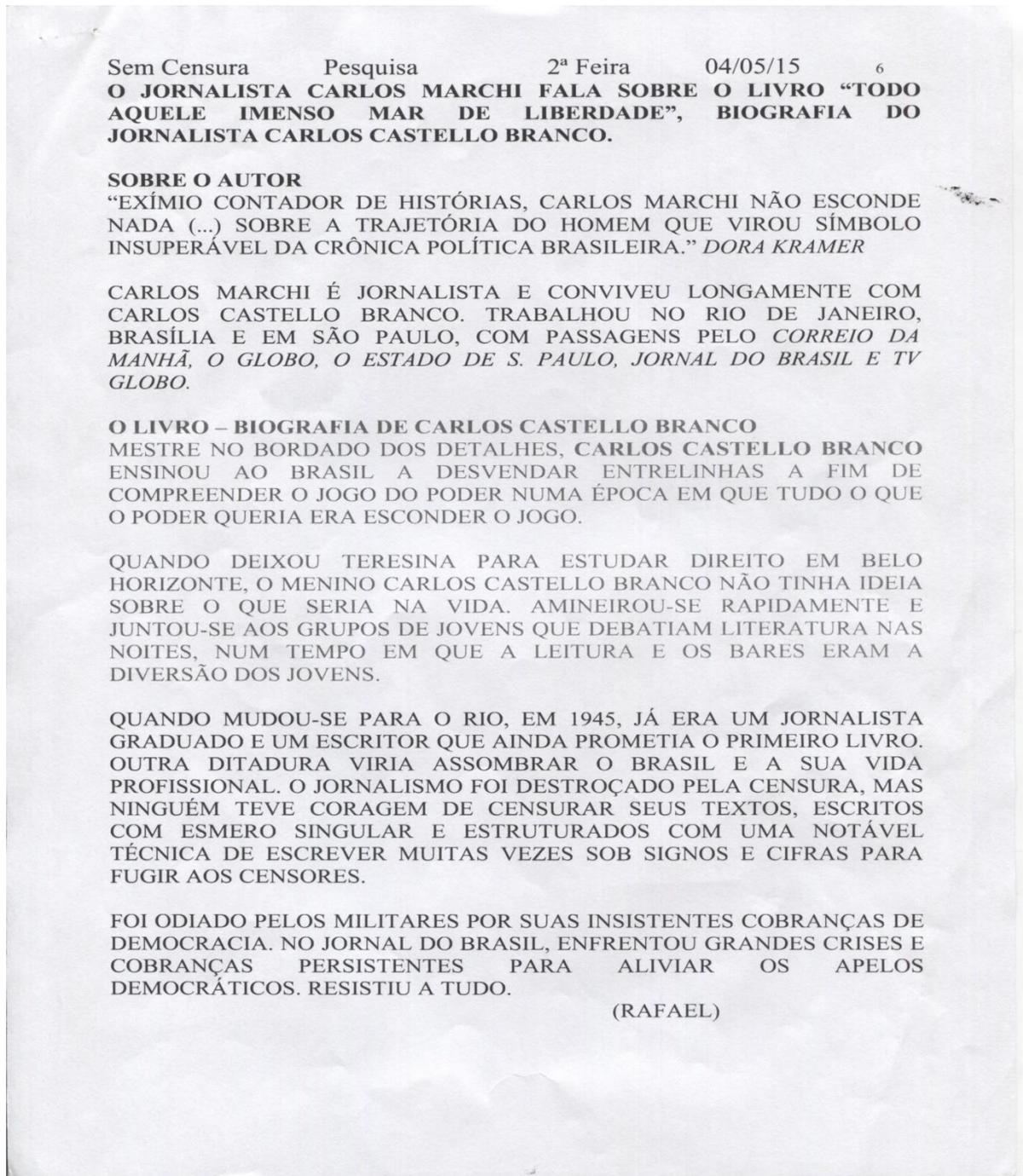
**Figura 7** – Informações sobre o tema e sobre o entrevistado

Seguem, numa outra folha, as informações sobre o lançamento do CD do cantor Sam Alves, com dados do cantor também.



**Figura 8** – Informações sobre o tema e sobre o entrevistado

Entre os convidados, foram distribuídos também dados sobre o jornalista Carlos Marchi e seu livro.



**Figura 9** – Informações sobre o tema e sobre o entrevistado

Como se viu, no documento de processo (das recomendações aos entrevistados), apontamos que predomina o aspecto comunicativo interpessoal,

o da comunicação que é estabelecida entre duas pessoas ou mais. Já no caso dos documentos informativos sobre os entrevistados, identificamos os dois aspectos: inter e intrapessoais.

Ao mesmo tempo em que oferece informações para os entrevistados sobre os seus companheiros de entrevista, esses dados também servem para os produtores e para a apresentadora. Esses documentos são como espaço de diálogo interno também, pois podem funcionar como lembretes dos produtores para eles mesmos, já que os documentos são levantamentos prévios, a pesquisa propriamente dita que eles fizeram sobre os entrevistados.

Na comunicação estabelecida, por meio desses documentos, os produtores funcionam como remetente e destinatário do Sem Censura, são emissores e receptores nesse processo. Escrevem para os entrevistados, mas também para eles próprios e para Leda Nagle.

Esses dados que fazem parte da pesquisa que os produtores do Sem Censura realizaram, correspondem, na crítica processual proposta por Salles (1998), a etapa do processo de conhecimento.

O artista, quando sente necessidade, sai em busca de informações. Nesse caso, poder-se-ia falar em um modo consciente de obtenção de conhecimento, que está relacionado à pesquisa de toda ordem. Podemos encontrar rastros de coleta de informações, por exemplo, sobre assuntos a serem tratados, sobre técnicas a serem utilizadas ou sobre as propriedades da matéria que está sendo manuseada. Dicionários, enciclopédias, recortes de jornais e revistas, livros citados e trechos copiados são documentos dessa necessidade de pesquisa (Salles, 1998, p.125-126).

Salles lembra que na arte há muitos casos de criação que exigem do artista medidas para conhecer, como é o caso das pesquisas de campo. “Na literatura brasileira, temos o conhecido exemplo de Guimarães Rosa, que se alimentou de anotações de pesquisas sobre o sertão de Minas Gerais” (1998, p. 126).

Outro exemplo apresentado por Salles (1998, p. 126) é o do escritor Vargas Llosa, quando preparava material para escrever *A guerra do fim do mundo*. Como se tratava de escritura sobre um país diferente do seu, época

distinta e com personagens falando uma língua diferente daquela na que ele escrevia a pesquisa foi colossal.

Retomando as discussões sobre a pesquisa no *Sem censura* diríamos que o fazer jornalístico, praticamente, exige levantamento de informações sobre os entrevistados. É uma maneira de o jornalista se aproximar do mundo à sua volta, de conhecer o entrevistado, ainda que obtendo informações básicas sobre ele e sobre os fatos. As informações são apreendidas e compartilhadas entre a equipe, os próprios produtores e a apresentadora e entre eles e os convidados.

Observamos que os textos distribuídos entre os entrevistados têm como principal objetivo retirar da entrevista o isolamento dos seus convidados, contribuindo para conhecerem os assuntos uns dos outros, mas também para criar oportunidade para que todos façam perguntas, troquem ideias, não só sobre os seus próprios temas, como também os dos outros.

A entrevista torna-se uma conversa descontraída, na qual os participantes/entrevistados se soltam e se estabelece uma troca neste programa do dia 04/05/2015, aqui analisado.

Podemos ver nítida essa troca, quando o nutrólogo Alexandre Merheb, que trouxe para o programa a discussão sobre a dieta 100% sem açúcar, os benefícios da gordura e da reeducação do pâncreas, com o objetivo de dar ao indivíduo o carboidrato necessário. Enquanto ele explanava, o ator Joaquim Lopes intervém perguntando: – “Entre o açúcar e a gordura, o pior é o açúcar?”

No momento seguinte, o diretor de teatro Bruce Gomlevsky está sendo entrevistado juntamente com Joaquim Lopes para falar da peça “Anti-Nélson Rodrigues” na qual ele trabalhou como diretor e Joaquim como ator protagonista.

Logo após a pergunta do colega, Gomlevsky diz que o mesmo é formado em gastronomia e Leda Nagle logo remete essa informação a um papel que o ator fez na novela *Império*, da Rede Globo de Televisão, cujo papel era de um chefe de cozinha e dono de um restaurante badalado. Todos sorriem descontraídos com a informação, e é nesse clima que o nutrólogo Alexandre Merheb troca informações com a nutricionista Bruna Murta que fala no

programa sobre a substituição do açúcar na alimentação e dá receitas de alimentos como banana e tâmara, que podem substituir na receita o açúcar. A nutricionista ressalta, ainda, os benefícios do açúcar de óleo de coco.

Na ocasião, o nutrólogo Alexandre Merheb expressa interesse de conhecer melhor o açúcar de coco, pois tem como linha de conduta, repassada aos seus pacientes, que o açúcar não traz nenhum benefício à saúde coletiva, comparando-o à cocaína, não só pela semelhança da cor e textura, mas também aos malefícios que ambos causam ao organismo humano, ao longo do tempo. No entanto, diz que depois das informações da nutricionista Bruna Murta indicaria como alternativa para seus pacientes o açúcar de coco.

Ainda durante o programa acontecem muitas outras participações dos entrevistados como a do jornalista Carlos Marchi, um dos entrevistados de Leda Nagle do programa do 04/05/2015 que falou do seu livro *Todo aquele imenso mar de liberdade*, uma biografia do memorável jornalista Carlos Castelo Branco. O livro estaria sendo lançado no Rio de Janeiro, cidade onde ficam os estúdios da TV Brasil e onde é gravado o programa *Sem censura*.

Logo após sua entrevista no programa, Marchi pergunta ao nutrólogo Alexandre Merheb: “Comer muita fruta, faz bem ou mal?” No desdobrar da conversa, lembra ainda que é natural do interior do Rio, e assim como o vizinho estado de Minas Gerais todos tem por tradição comer muito doce. Ele direcionou também uma pergunta à nutricionista Bruna Murta: – “Você sabe alguma receita de doce de goiaba sem açúcar?” O programa segue nesse clima de conversa informal, fazendo com que o distante telespectador possa se sentir parte, como se os convidados/entrevistados de Leda Nagle estivessem na sala de visita do telespectador.

No entanto, a interação que se promove aí ocorre de maneira solta, e tem como mediadora a apresentadora Leda Nagle, que conduz a entrevista como um bate-papo, mas sem perder o foco do que o programa persegue, e dando direcionamento correto aos seus convidados.

Nesse convite ao telespectador para participar da conversação, o programa, pelo *Twitter*, utiliza a lógica intrínseca ao jornalismo. Observa-se que

traz informação com valor de noticiabilidade e a atribui a uma fonte. “O nutrólogo Alexandre Merheb fala sobre dieta 100% sem açúcar”.



**Figura 10** – Leda Nagle na bancada ao vivo

Outro fato a ser destacado é que, ao final de cada programa, a jornalista tem como hábito “dar notas” aos seus entrevistados. Isto, por óbvio, é feito internamente, sem o conhecimento dos participantes. Para esta avaliação foi criada uma tabela que identifica o entrevistado e o assunto, e nela podemos observar as notas e avaliação que Leda direciona aos entrevistados do dia como “ótimo”, “bom” ou “ruim”.

Esteajuizamento realizado pela jornalista funciona como um critério que determinará um possível retorno do entrevistado a futuros programas quando houver novamente a abordagem de assuntos de seu domínio. Conforme a classificação seja boa ou ótima, haverá, claro, mais chances de um possível regresso do convidado ao programa.

No programa do dia 04/05/2015, todos os entrevistados obtiveram ótimas avaliações, conforme a ficha abaixo:

CÓPIA EM BRASÍLIA XD 274344		SEM CENSURA		DATA: 04.05.2015 - SEGUNDA-FEIRA		EPISÓDIO 020	
Convidado	Crédito	Assunto	Nº Fita	Tempo da Entrevista			
1 ALEXANDRE MERHEB 1º Bloco	NUTRÓLOGO! ótimo!	DIETA 100% SEM AÇUCAR	XD 317131	01' 20" 11' 37"	Apresentadora e Editora-Chefe Leda Nagle BLAZER NAO DO BARRIGÃO		
2 BRUNA MURTA 1º Bloco	NUTRICIONISTA ótimo!	RECEITAS SEM AÇUCAR	XD 317131	13' 00" 14' 23"	CAMISETA PANTS		
3 CARLOS MARCHI 2º Bloco	JORNALISTA E ESCRITOR ótimo!	LIVRO "TODO AQUELE IMENSO MAR DE LIBERDADE"	XD 317131	32' 08" 17' 05"	BRINCOS PEQUENA ANELA PRATA		
4 JOAQUIM LOPES 3º Bloco	ATOR ótimo!	PEÇA "ANTI-NELSON RODRIGUES"	XD 317131	54' 05" 12' 15" 01' 06" 17" 03' 30"	COLAR GRANDE SARRIS COBRO		
5 BRUCE GOMLEVSKY 3º Bloco	DIRETOR TEATRAL ótimo!	PEÇA "ANTI-NELSON RODRIGUES"	XD 317131	50' 40" com 50' 40" com 12' 15"	LENÇO SEM LENÇO		
6 SAM ALVES 3º Bloco	CANTOR ótimo! FELIPE BADE	CD "ID"	XD 317131	01' 03' 55" 06' 20"	PULSEIRA		

ESSE NISTÓRIO 01' 20' 55" 03' 20" / BE WITH ME 01' 28' 07" / B. G. GOSSA PANTS SEM MIDSALCAS

Figura 11 – Tabela de avaliação dos entrevistados

Os documentos deixados como “rastros” pela produção e por Leda no percurso construtivo do programa revelam o trabalho de pesquisa da equipe que produz o *Sem censura*, a participação do público durante a elaboração dos programas através do envio de e-mails e dos comentários nas redes sociais, dando sugestões sobre temas e entrevistados.

Em outro momento e como dissemos, a interação que rege as relações entre o programa e seus telespectadores também se manifesta por meio do Zimbra. Os internautas fazem circular as informações, agindo, muitas vezes, como entrevistadores, ao lançarem as suas perguntas a serem feitas aos entrevistados, como podemos observar nas mensagens aqui reproduzidas, referentes ao programa de 4/5/2015.



Figura 12 – Redes sociais em tempo real

Christiane\_ID no Twitter: "@scensura Pena que a Stévia não é ven... https://twitter.com/chrisylver/status/595304829863522304

Início Notificações Mensagens

 **Sem Censura** @scensura · 4 min Buscar no Twitter     
O nutrólogo Alexandre Merheb fala sobre dieta 100% sem açúcar. #AoVivo no #SemCensura  
↳ ↻ 1 ★ 3 ...

 **Christiane\_ID** @chrisylver   Seguir 

@scensura Pena que a Stévia não é vendida pura, mas misturada a outros artificiais, é muito cara!!  
#SamAlvesNoSemCensura

↳ ↻ ★ + 👤 ...

16:11 - 4 de mai de 2015

 Responder a @chrisylver

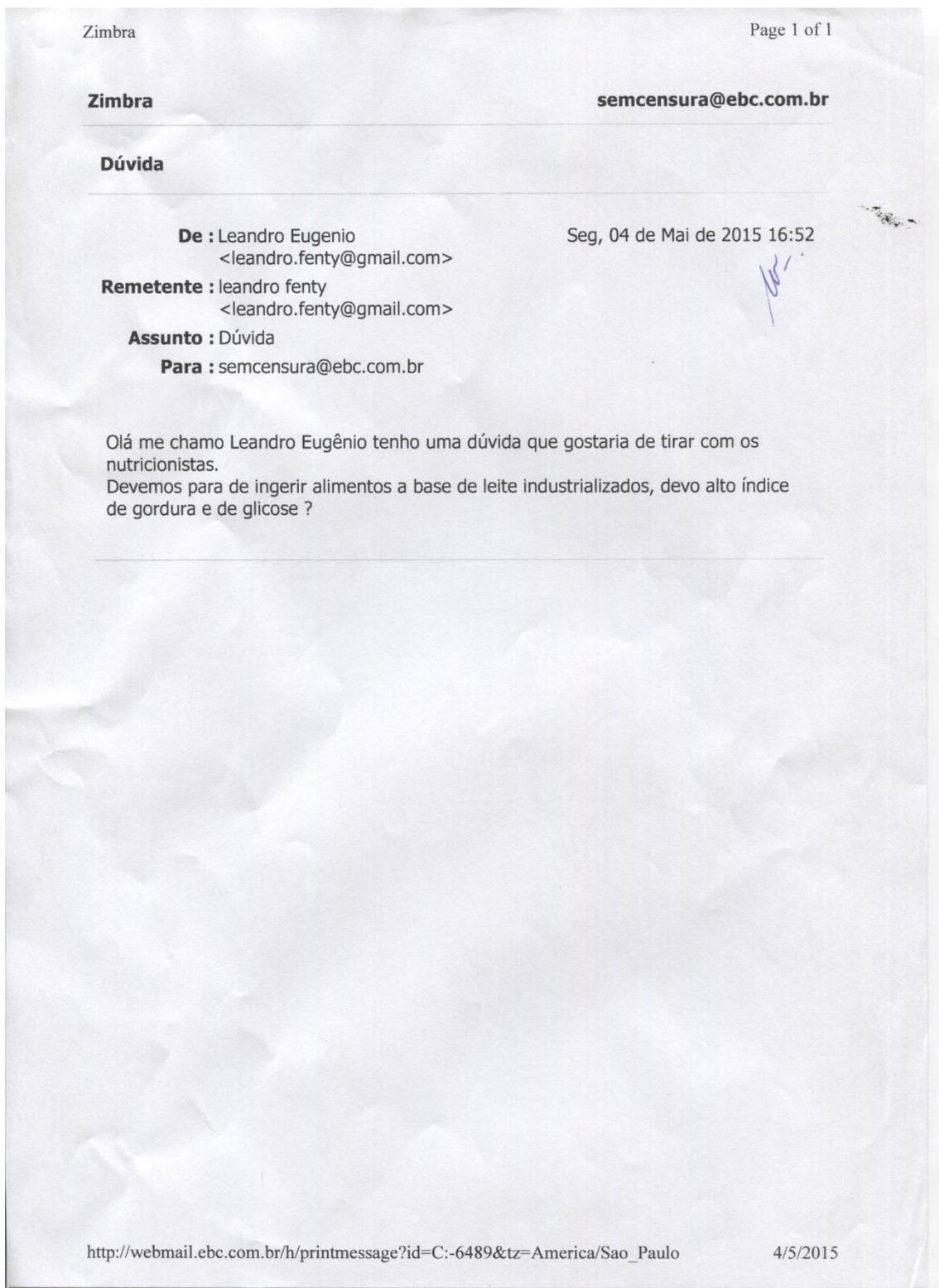
Assuntos do Momento: Brasil

#BebaMelhor  Promovido por WBBeer #Directioners4Music Charlotte Elizabeth Diana #MayThe4thBeWithYou #5HUKInvasion Met Gala #QueremosFlyNoLegendarios Darth Vader #SegundaQueSonoFavSdvValentino Gwendoline Christie AmandaDNoVideoShow

© 2015 Twitter Sobre Ajuda Informações de anúncios

1 de 1 04/05/2015 16:14

Figura 13 – Mensagem do Facebook



**Figura 14** – Mensagem do Facebook

Zimbra Page 1 of 1

---

**Zimbra** **semcensura@ebc.com.br**

---

**Dieta sem açúcar**

 **De :** Ana Celeste Ferreira  
<acelestef@gmail.com> Seg, 04 de Mai de 2015 16:43

**Remetente :** acelestef@gmail.com

**Assunto :** Dieta sem açúcar

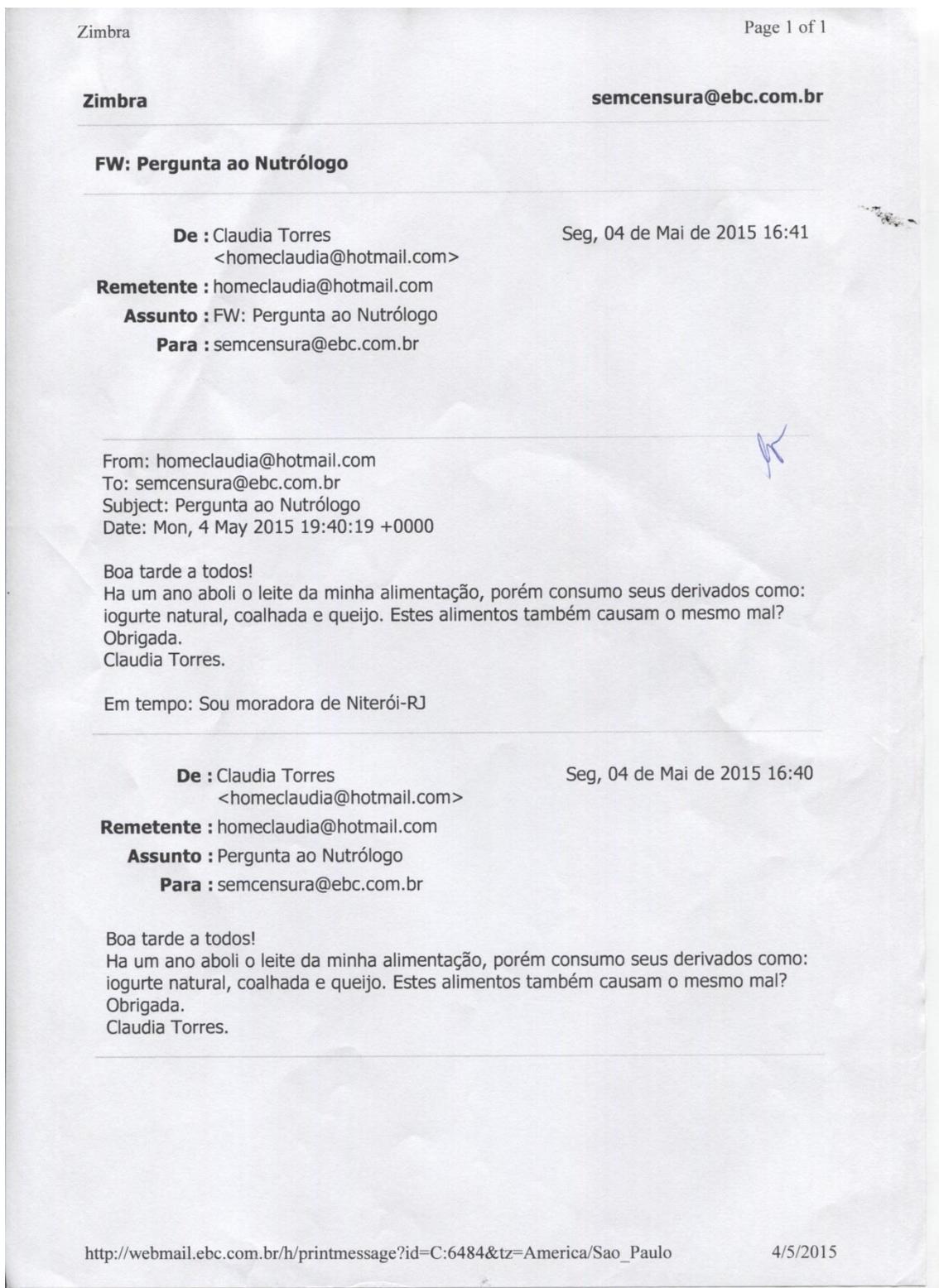
**Para :** semcensura@ebc.com.br *W*

Gostaria de ouvir a opinião dos especialistas sobre a canela, pois no café, substituo o açúcar pela canela, e acho muito gostoso. Parabenizo a produção do Sem Censura e sua apresentadora, Leda Nagle, pelos temas relevantes. Grata pela atenção! Ana Celeste Ferreira. Belém/Pará.

---

[http://webmail.ebc.com.br/h/printmessage?id=C:-6486&tz=America/Sao\\_Paulo](http://webmail.ebc.com.br/h/printmessage?id=C:-6486&tz=America/Sao_Paulo) 4/5/2015

**Figura 15** – Mensagem do Facebook



**Figura 16** – Mensagem do Facebook

Ao repassar o material, Leda Nagle aproveita a oportunidade para conversar com seus convidados, não apenas para os informar sobre o que pode e o que não pode ser abordado no ar, mas desenvolve ainda um breve diálogo que lhe permite sentir o “termômetro” de cada convidado, ou melhor, analisar a desenvoltura e o astral dos participantes, a fim de escolher qual deles está mais solto para iniciar o programa.

De posse dos textos distribuídos, os quais contêm informações gerais dos participantes e seus respectivos assuntos, as pessoas presentes têm a possibilidade de se sentir à vontade para maior participação e interação com os demais entrevistados.

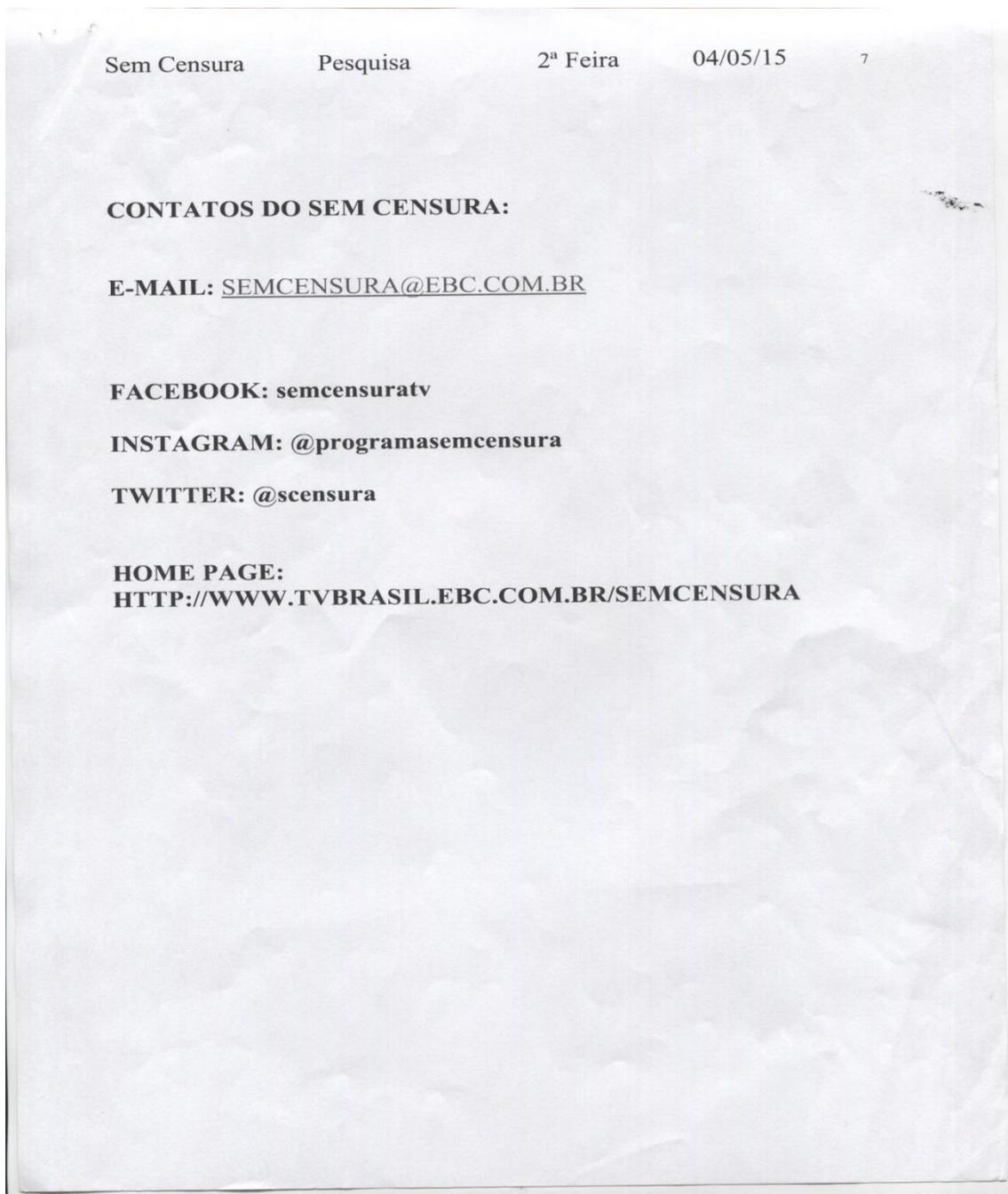
Apesar de ser único cada resultado dos programas, observamos que o processo construtivo utilizado pela produção é basicamente o mesmo. Certamente, como todo programa televisivo diário que trata de temas e pessoas diversas, não é possível ignorar as peculiaridades, além dos rastros deixados que ocorrem durante o processo de produção com a facilidade de trabalhar um determinado assunto e outro não, contatos relacionados ao entrevistado, entre outros.

Contudo, através de nossa observação ficou claro que, embora se trate de um programa cujas abordagens são amplas, ele nem sempre traz temas leves, muitas vezes apresenta assuntos complexos.

A apresentadora intermedia a programação, transformando-a não só em um programa informativo, de entretenimento, mas essencialmente é de utilidade pública, já que seus temas abordam desde cultura, literatura e saúde, até outros assuntos de interesse do grande público, que vê no programa oportunidade de diversão e lazer inteligentes, mas também boa fonte de informação em diferentes áreas.

### **Participação do público**

Os documentos de processo do *Sem censura*, entregues aos convidados, revelam também a interação que o programa requer do seu público, disponibilizando os endereços para contatos.



**Figura 17** – Documento com os endereços eletrônicos

A partir desses endereços de *e-mail*, da página do programa e das redes sociais (*Facebook*, *Twitter* e *Instagram*) o público pode interagir com o *Sem censura*. Em tempo real e durante o programa, Leda Nagle lê e comenta as mensagens enviadas pelos internautas, aproximando o público não apenas da apresentadora como também dos entrevistados.

A dinâmica favorece com que esse público seja “transportado” para dentro da roda de conversa, tendo em vista que o próprio formato da bancada onde se posicionam os entrevistados já é arredondado, estando a entrevistadora no centro deste círculo, com acesso a uma pequena bancada, computador e cadeira giratória. Dessa maneira, ela pode interagir com todos, facilitando a interlocução com poucos movimentos. E essa pode ser apontada como a principal característica de sua forma de entrevistar e do programa *Sem censura*.

E neste aspecto, convém, considerar o tipo de circulação e interação promovidos pela jornalista. A partir dos exemplos apresentados, temos a forma de circulação e os processos interacionais entre o programa *Sem Censura* e seus telespectadores. O modo mais apropriado para apreender como se processa a circulação se dá, para Antônio Fausto Neto (2010b), por meio da lógica das diferenças (e não somente das convergências). Não há contratos de comunicação duradouros, mas “pontos ou zonas de articulação” entre produção e recepção, como jogos complexos de oferta e reconhecimento. A circulação é, então, um dispositivo constituinte das interfaces. A relação com o conceito de dispositivo, por sua vez, nuança através das mudanças tecnológicas, alterando a configuração dos meios e as discursividades na “arquitetura comunicacional”.

O conceito de circulação, portanto, deve ser tomado como um “dispositivo central, uma vez que a possibilidade e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho em dar forma à arquitetura dos processos comunicacionais” (FAUSTO NETO, 2010b, p. 12). Para nomear este cenário, são centrais, para o autor, os conceitos de “zonas de contato” e “zonas de interpenetração”.

São efeitos contraditórios da circulação, pois são colocados em xeque velhos “contratos de leitura”: “o receptor não se fecha em torno da ‘lógica da convergência’, mas também não assina cheque em branco solicitado pela fidelização” (FAUSTO NETO, 2010a, p. 65). O leitor não adere à convergência de modo não problemático: há tensões e conflitos neste trabalho interacional, que permanece em aberto às possibilidades de interpenetrações e fundação de

zonas inéditas de contato. Produção e recepção, portanto, não desaparecem, “mas atualizam suas condições segundo novas dinâmicas de contatos animadas pela tensão acesso/fixação/dissipação - elementos que vão configurando novas possibilidades interacionais” (FAUSTO NETO; SGORLA , 2013, p.14).

Em resumo, o desafio da circulação, para Fausto Neto, é entender estes deslocamentos interacionais e as zonas de contato que emergem, buscando investigar a complexidade da circulação para além da mera afirmação de sua existência, como ocorria nos empreendimentos teóricos tradicionais supracitados (o autor fala de uma visada que perceba a circulação além de suas bordas (FAUSTO NETO, 2010b).

Elementos dessas questões sobre circulação e relações interacionais do *Sem censura* com os internautas veremos, no capítulo a seguir, de forma mais detalhada, ao tratarmos de outras edições deste programa e a cultura da vigilância do seu público pelas redes sociais.

## Capítulo 4

### **Quem controla quem? A cultura da vigilância, o programa *Sem censura* e as redes sociais**

O *Sem Censura* é um programa de entrevistas sobre diferentes temas que tratam da cultura em geral, literatura, saúde, culinária, estética, psicologia, temas jurídicos, perfis, histórias de vidas, até assuntos como “investimentos e indenizações em caso de assaltos em *shoppings* e outros lugares privados”.

Ao longo de seu tempo de veiculação, sob o comando da jornalista Leda Nagle, o programa *Sem censura* não só teve que se manter atualizado nos temas que abordou, adaptando suas pautas a uma realidade de conflitos sociais, políticos e comportamentais, como também a essa nova rotina jornalística por consequência da nova realidade social que envolve a midiatização.

Nesse cenário, a figura central do jornalista mediador já não mais é absoluta. A interação e a participação agora direta do telespectador e do leitor receptor é parte importante no processo, não só de recepção, mas também de produção de conteúdo. Surge o internauta telespectador, leitor ativo e parte integrada na construção dos nossos produtos jornalísticos.

Assim, há de se observar que o *Sem censura* trabalha também com o que Braga (2006) chama de sistema de resposta. Além dos tradicionais sistemas de produção e recepção, o autor propõe uma terceira via nas discussões envolvendo as relações midiáticas: o sistema de respostas sociais, que trata da interatividade social da audiência com a mídia. É neste cenário que nos deparamos com a recepção cada vez mais ativa e dinâmica, provocando reação aos produtos midiáticos. Braga (2006) esclarece que a resposta social é complexa, plural e se realiza em diversos canais.

É dentro dessa nova lógica da construção jornalística que vamos acompanhar e analisar como se dá a relação do programa *Sem censura* com seus telespectadores internautas, através das redes sociais numa linha direta de troca.

Com uma equipe de mídias que fica durante a exibição do programa recebendo mensagens dos telespectadores internautas por *e-mail*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* sobre os temas debatidos no programa ou sobre os entrevistados e até mesmo sobre a apresentadora, a jornalista Leda Nagle.

As questões levantadas pelo público são lidas pela equipe de mídias e respondidas na hora, algumas são selecionadas e repassadas pela produção para a jornalista que lê no ar e comenta, identificando quem enviou a mensagem lida por ela.



**Figura 18.** Leda Nagle na bancada do programa *Sem Censura*

Durante o percurso de construção dos programas exibidos diariamente no *Sem censura* – que tem como um dos seus principais critérios de escolha para suas pautas e temas os *e-mails* de seu público, além dos comentários de seus seguidores nas redes sociais – observamos que o uso desses recursos funciona no sistema como uma espécie de vigilância do telespectador.

A sociedade se *organiza* para tratar a própria mídia, desenvolvendo dispositivos sociais, com diferentes graus de institucionalização, que dão consistência, perfil e continuidade a determinados modos de tratamento, disponibilizando e fazendo circular esses modos no contexto social. A própria interação com o produto circula, faz rever, gera processos interpretativos.

A variedade de dispositivos sociais de interação sobre a mídia evidencia então a consistência da proposta de conceituação de um terceiro sistema e confirma o interesse em estudar tais objetos sociais

em relação ao patamar sistêmico em que os inscrevemos, uma vez que podemos tomá-los como o elemento empírico relevante para a compreensão do sistema de respostas sociais diferidas e difusas (BRAGA, 2006, p. 37).

#### 4.1 Redes Sociais e a interação com o telespectador

Aqui, pesquisamos comentários no *Facebook* de telespectadores internautas sobre o programa *Sem censura*, no período de 1º setembro a 30 de outubro de 2015. Esses comentários, na sua maioria, são o público do *Sem censura* interagindo, ao comentar as postagens diárias da produção do programa e as chamadas na véspera da exibição dos programas, não só informando ao telespectador os temas que serão tratados, mas convidando o público a assistir o programa que será exibido no dia seguinte.

Os comentários são, em sua maioria, sobre o programa que está sendo exibido naquele instante, muitos deles em tempo real com a exibição, outros depois e até alguns sobre programas anteriores que o telespectador não teve como comentar antes.

Muitos são comentários elogiosos aos temas, outros para tirar dúvidas surgidas durante a exibição, também para parabenizar e interagir com os entrevistados, espécie de termômetro de que o programa está agradando ao seu telespectador e seus temas estão sendo considerados por eles de qualidade e atrativos.

Sobre essa interação Braga diz:

As críticas ativam interlocuções sobre os objetos e processos analisados. Os interlocutores acionados pela crítica são todos aqueles que manifestam algum tipo de interesse na coisa analisada (tais e tais produtos e processos midiáticos) — naturalmente sua especificidade vai estar correlacionada com os ângulos, objetivos e procedimentos da crítica (BRAGA, 2006, p. 300).

No caso do programa *Sem Censura*, ficou, para nós, bastante evidente o interesse do público pela “objeto analisada”. Ao considerarmos algumas dessas mensagens enviadas pelos internautas pelo *Facebook*, vimos que os

telespectadores manifestam paixão e relação de total intimidade com o programa, através das redes sociais.

#### 4.2 Comentários do *Facebook* aproveitados no programa

A partir desse ponto, passaremos à análise da resposta do telespectador internauta referente às postagens do programa *Sem censura* no *Facebook*, compreendendo o período de setembro a outubro de 2015.

Temas abordados: no dia 30/10/2015, o programa tratou da “tuberculose” e trouxe como atração a cantora da MPB que explodiu nas paradas de sucesso nos anos 80, Zizi Possi.

Chamada para o programa do dia 30/10/15, sexta-feira, gravada no estúdio do *Sem censura* no dia 29/10/2015 para divulgação nas redes sociais.

“No #SemCensura desta sexta-feira, vamos falar sobre Tuberculose e teremos a presença ilustre de Zizi Possi. Não vai perder, né?”. Logo a seguir, os comentários dos telespectadores internautas:



[Léia Meimei](#) Boa tarde , adoro seu programa, gostaria de saber o nome do filme que o economista Luis Carlos Ewald, disse que era bom que todos deveria assistir, fez esse comentario para escritor AndreCauduro, no programa , nao consegui anota o nome..obrigada pela atenção..

[Curtir·Responder·6 h](#)



[Giana de Souza](#) Não seria "magnésio" no lugar de "magnético"?

[Curtir·Responder·3·19 h](#)



[Luma Lumag](#) Hummm!!! Muito mais que show ...muito mais que super legal!!! Uau ...bela foto! Amei! E Zizi reconstruindo e construindo belas canções com com Luiza ... emocionantemae e filha cantando juntas. Zizi estah -na crista da onda - com as cançies! Saudade do tempo das belas cançoes! De Rita Pavone ...tambem! Valeu Zizi!

[Curtir·Responder·18 h](#)



[Khênia de Barros](#) Zizi Possi sempre Diva!!!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [2 h](#)



[Richard Silveira Lima](#) Grande Zizi Possi!! Zé Caradípia, compositor de asa morena é meu vizinho. Showwwwwwww

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1 · 20 h](#)



[Marie Simone Sandy](#) Que foto bacana!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [3 h](#)



[Jurema Andrade](#) Muito bom gostei muito de rever Zizi.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [11 h](#)



[Ana Clara Cabral](#) Lindas

[Curtir](#) · [Responder](#) · [20 h](#)



[Karine Moreira](#) Que lindas!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [20 h](#)



[Leandro R. Souza](#) Lindas! Emoticonheart

[Curtir](#) · [Responder](#) · [6 h](#)



[Tereza Cristina Vieira](#) Lindas!!!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [20 h](#)



[Meire Souza](#) Zizi Possi é uma das mais belas vozes do Brasil, deveria ser mais explorada (no bom sentido, claro).

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1 · 20 h](#)



**[Marilucia Avelina](#)** O programa estava ótimo. A participação do comissário de bordo , Sr. Carlos Amaral, foi muito interessante.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [19 h](#)



**[Valéria Souza Braga](#)** Foi ótimo o programa.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [20 h](#)



**[Tetê Caminha](#)** o médico foi espetacular...!!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1](#) · [20 h](#)



**[Renato Laplace](#)** Sem censura sempre ótimo,gostei muito da entrevista com o comissário, dificilmente vemos está profissional sendo entrevistado,parabéns Sem censura! Zizi possível espetaculo

[Curtir](#) · [Responder](#) · [20 h](#)



**[Marlene Vasconcellos](#)** Perdi !! Zizi maravilhosa !!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [17 h](#)



**[Marie Simone Sandy](#)** AMEI!! Me senti muito à vontade com a Leda.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [3 h](#)



**[Carlos Kiplim](#)** Muito bom !

[Curtir](#) · [Responder](#) · [7 h](#)



**[Jurema Andrade](#)** Ótimo programa, também gostei muito do comissário Parabéns a ele que vive a 3 décadas no ar.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1](#) · [11 h](#)



**[Hevânia Sábat](#)** Comissário muito simpático!!!!

Temas abordados: no dia 29/10/2015, o programa foi sobre os temas “psoríase e a busca pela felicidade”

Chamada para o programa do dia 29, sexta-feira, gravada no estúdio do *Sem censura* no dia 28/10/2015, quinta-feira, para veiculação nas redes sociais.

“Nesta sexta-feira no [#Sem Censura](#) vamos falar sobre psoríase e da busca pela felicidade. Imperdível!”. Comentários dos telespectadores internautas para essa chamada:



[Jane Conceição Mattos](#) O Programa, sempre muito bom!!! Viver melhor e apenas com o necessário!!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 23:38](#)



[Regina Leal Luiz](#) Adoro o programa, mas acho muito curto. Rede Brasil volte com o programa das 16:00 às 18:00 hs...

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 19:40](#)



[Cristina Monteiro](#) Verônica Sabino, puro charme e a doutora Luna sabe muito!!!! Amei, tudo, sempre!!!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1](#) · [29 de outubro às 19:47](#)



[Eduardo Lima](#) Felicidades saber notícias da [#Veronicasabino](#) ...muito muito feliz mesmo.

Só você [#LedaNagle](#) pra nos proporcionar tamanha alegria mostrar a Veronica Sabino atuante no cenário musical.

Espero ver no repertório do novo trabalho TODO SENTIMENTO primeira música que ouvi em sua voz e me apaixonei. ...[Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 21:21](#) · [Editado](#)



[Maria Jose Bezerra Caminha](#) Seriedade, informações e bons papos. Nota 10 pra sem censura. Adoro!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 20:19](#)



[Regina Helena Vieira](#) Como sempre o programa estava muito bom!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 18:44](#)



[GenyCeler](#) Dra Luna é excelente. Bj

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 17:58](#)



[Regina Conde de Alencar](#) Gostei muito do programa!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 17:56](#)



[Sol Fonseca](#) Maravilha, a médica que falou sobre a Psoríase deu show!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Ontem às 13:58](#)



[Deisi Marcelino](#) Mais um programa ótimo! Imperdível! Parabéns!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 18:38](#)



[Maria Luiza Maurieli](#) Hoje perdi...

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 18:16](#)



[Hevânia Sábat](#) Eu adorei como sempre!!!!!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 17:53](#)



[Terezinha Lemes](#) Perdi uma parte, que pena! Vou esperar pra ver no YouTube.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 19:55](#)



[Neuza Prado](#) Foi muito legal, aprendi o que realmente é a Psoríase.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 18:38](#)



**Bia Rique** Brava **Leda Nagle!!** Saudades suas!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [Ontem às 09:50](#)

Curiosamente, não encontramos em nossas análises chamada para o programa que iria ao ar no dia 28/10/2015, como costumeiramente postada nas redes sociais no dia que antecede o programa, e nem comentários relacionados ao programa *Sem censura* do dia 28/10/2015. Nessa edição, os entrevistados foram os músicos Cláudio Lins, Paulinho Mosca e João Fonseca.

Observamos, também, através de alguns comentários como o da telespectadora/ internauta Sol Fonseca, no dia 28/10/2015:



**Sol Fonseca** Quando vai acabar esse campeonato que faz com que o programa (que já é curto) fique menor ainda? Coisa chata! ", referente ao programa do dia 23/10/2015, a insatisfação do público quanto à diminuição do horário do programa não só durante o período, da transmissão do campeonato Mundial de Futebol Sub 17 que aconteceu no Chile e reuniu 24 seleções, fazendo a emissora diminuir o tempo de exibição do programa para encaixar na grade o evento esportivo, mas porque o público do Sem Censura têm deixado claro através de mensagens nas redes, o quanto gostariam que o tempo do programa fosse maior.



**Sol Fonseca** Muito bom, mas muito pequeno!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [29 de outubro às 15:50](#)



**Sonia Regina Paraluppi Santos** Como um programa assim, ser tão curto ? Quero bis

!!!!



**Mara Cristina** Luzia Lacerda inteligente, programa perfeito pena que curtinho.

Parabéns

Outro exemplo que surge através das transformações tecnológicas que afetaram de forma positiva as novas estruturas tanto de construção, quanto de repasse da informação. Como bem analisa Fausto Neto (2008, p. 89-96) sobre a “transformação nos contratos e vínculos entre estruturas de produção e recepção de discursos midiáticos”, conceituando quatro aspectos da midiaticização no universo jornalístico que são: 1) transformações da «topografia jornalística», como espaço «organizador do contato»; 2) a auto-referencialidade do processo produtivo; 3) auto-reflexividade sobre seus fundamentos teóricos; 4) transformação do *status* do leitor.

Uma nova alternativa é a acessibilidade de matérias e assuntos que o leitor deseja ver e acompanhar seu processo criativo. Além disso, o poder de acessá-las sem ter que esperar que as redes televisivas decidam passar. Nesse sentido, fica claro essa relação de troca com o público e o de levar diariamente não só um registro diário do programa *Sem censura*, mas a possibilidade deste público ter acesso sem fronteiras ao conteúdo já exibido no programa.

Exemplo é o programa exibido no dia 24/9/2015 que teve como entrevistado um dos maiores nomes da cultura no Brasil, o paulista de nascimento, Luis Carlos Miéle, produtor, ator, escritor, apresentador e diretor de teatro, cinema e espetáculos e que veio a falecer no dia 14 de outubro do mesmo ano, menos de um mês depois de sua participação no *Sem Censura*.

Os registros e postagens diárias no *Facebook* dos programas exibidos ao vivo pela TV Brasil, canal (22), possibilita não só o público do *Sem censura* e os seus seguidores nas redes sociais, bem como os fãs do Miéle a ter a oportunidade de rever um dos seus últimos registros de entrevista e participação na TV brasileira, em que seu talento e competência foram fundamentais.

E isso só é possível através da acessibilidade que o cidadão comum tem hoje por via das transformações tecnológicas aqui já citadas, responsáveis, hoje, por esse grande divisor de águas entre a sociedade dos meios e a sociedade em vias de midiaticização que é a Internet, seus aplicativos e dispositivos móveis.



Figura 19. Leda Nagle e entrevistados do programa

“No [#SemCensura](#) desta quinta-feira vamos falar sobre o trânsito. Imperdível!”.  
Essa foi a chamada do dia 23/9/2015.

### [Sem Censura](#)

24 de setembro

**#CLICKDODIA:** o presidente da Federação de Ciclismo, Claudio Santos, o presidente da Associação dos Motociclistas Aloisio Cesar Braz, Leda Nagle, o ator e cantor Luís Carlos Miéle, o engenheiro de transporte Rômulo Orrico, o especialista em medicina do trânsito Fernando Duarte Moreira.

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

### [Mais relevantes](#)

[49 pessoas](#) curtiram isso.

[2 compartilhamentos](#)



[Rodrigo Vieira](#) Gostaria da sua ajuda!

[Curtir](#) · [Responder](#) · 24 de setembro às 22:42



**Francisca Dos Santos** Tive sair amo o programa e Miéle,que pena perder!

[Curtir](#) · [Responder](#) · 24 de setembro às 20:54

[Ver mais 3 comentários](#)

[Sem Censura](#)

24 de setembro ·

Leda Nagle e Luís Carlos Miéle no #SemCensura



Figura 20. Leda Nagle e Carlos Miéle

[Curtir](#) [Comentar](#) [Compartilhar](#)

[Mais relevantes](#)

[83 pessoas](#) curtiram isso.

[1 compartilhamento](#)

Comments



Escreva um comentário...



**[Sol Fonseca](#)** Maravilha de programa, como sempre, ontem não teve, senti falta.

[Curtir](#) · [Responder](#) · [1](#) · [24 de setembro às 19:42](#)



**[Ilze Cardoso Sales](#)** Sou Fã Desses Dois!!

[Curtir](#) · [Responder](#) · [24 de setembro às 20:18](#)

[Ver mais 4 comentários](#)



No programa do dia 14/10/2015, dia da morte de Miéle, Leda faz homenagem póstuma ao seu entrevistado do dia 28/9/2015, quase um mês depois de sua participação no *Sem censura*. Eis alguns comentários:

**[Sem Censura](#)**

[14 de outubro às 20:16](#)

**O Brasil perdeu um grande artista da televisão e dos palcos: Luís Carlos Miéle. Irreverente, criativo, brilhante, um artista completo. Sentiremos muito sua falta. Essa é uma pequena lembrança da última participação de Miéle no [#SemCensura](#).**

[Curtir](#) [Comentar](#)

[Compartilhar](#)

**[Mais relevantes](#)**

[207](#) [pessoas](#) curtiram isso.

[24](#) [compartilhamentos](#)



[Cláucia Barbi...](#)e o Andar de Cima ficou mais rico de talento hoje. Emoticonheart

[Curtir](#) · [Responder](#) · 2 · 14 de outubro às 22:40



[Suzana Barros](#) O Luíz Carlos Miéle vai deixar saudades. Um artista completo.

[Curtir](#) · [Responder](#) · 3 · 14 de outubro às 20:26

[Ver mais 20 comentários](#)



[Sem Censura](#)

14 de outubro às 15:06 ·

**No #SemCensura desta quarta-feira, vamos falar sobre fibrose cística e teremos a atriz Lu Grimaldi. Imperdível**

A partir dos comentários em tela, observamos que o programa tem o *Facebook* como uma das suas principais fontes de pesquisa, na busca do *feedback* com seu público, tendo em vista que surge no cenário o internauta telespectador e leitor ativo, como parte integrada na construção do programa.

É dentro dessa nova lógica da construção jornalística que compreendemos, claramente, como se dá a relação do programa *Sem censura* com seus telespectadores, através das redes sociais, constrói uma linha direta de troca, em que a figura central do jornalista mediador não mais é absoluta.

Agora, mais que telespectador, o público do *Sem censura* é produtor também do programa, sugerindo questões, comentando as entrevistas. Enfim, colabora na circulação das informações e reconfigura a lógica produtiva da pauta produzida inicialmente pela equipe do programa.

## Considerações finais

No momento em que chegamos ao fim desta jornada investigativa, devemos condensar o percurso que foi adotado, bem como extrair algumas consequências extraídas do estudo empreendido. O trabalho exploratório e descritivo que realizamos, tomando como base a análise dos documentos de processo envolvidos, na prática da jornalística, ao tempo em que nos deu a oportunidade para a aplicação do método ao trabalho jornalístico de Leda Nagle, propiciou um olhar mais atento a um dos domínios que muito contribuem para esclarecer aspectos da atividade jornalística, através da sistemática dos documentos de processo, permitindo-nos, de nosso cadinho, atualizar esse debate acadêmico.

Ao mesmo tempo, ao realizarmos esta investigação, investimos sobre parte importante da história do próprio jornalismo brasileiro, porque permitiu revelar as práticas de um conhecido programa da TV brasileira, bem como sua cultura profissional, a produção dos seus produtos e de seus processos, e que também responde pela interferência das tecnologias, conexões e interações via dispositivos de mídias e redes sociais.

Estabelecemos, nos momentos de abertura desta dissertação, um pressuposto, como marca-guia, a que a investigação deveria, ao fim, comprovar: que o método da jornalista Leda Nagle é baseada em relação dialógica. E para tal finalidade, valemo-nos dos estudos processuais tocados por Salles e Moura (2002) como bases através das quais fluiria o estudo, porque considerados pertinentes com os fins desejados, para acompanhar atentamente o método da jornalista Leda Nagle na elaboração das suas entrevistas para o programa *Sem censura*.

Esses aspectos, como vimos, foram observados a partir dos registros ou rastros deixados pela jornalista durante o seu processo de produção, para a elaboração das entrevistas. Evidente que as entrevistas, enquanto produto midiático, apresentado ao público, serviu-nos como ponto de partida para as

análises. Mas foram os assim denominados “documentos de processo” que nos forneceram elementos substanciosos para o acompanhamento do método da jornalista Leda Nagle.

Verificamos que, no conjunto dos materiais empíricos recolhidos, para avaliá-los, segundo sua consistência específica como *documentos de processo* da atividade jornalística de Leda Nagle, que ficaram expostos aspectos da conversação e da informalidade em suas entrevistas no *Sem censura*. A trama organizadora estabelecida pelo trabalho jornalístico – revelada pelos documentos – deixou clara a relevância de sua dimensão processual como estratégia de construção do método da jornalista.

A concepção do programa de entrevista (pela dinâmica que estabelece entre os entrevistados, pela preocupação em armar conversas de fisionomia coletiva – já que todos os entrevistados são “convidados a interagir com os demais temas” – pelo contato com os internautas, fazendo-os interagir com a trama do programa) demonstra a preocupação em armar uma dinâmica jornalística mais oxigenada. E portanto, diferenciada dos tradicionais programas de entrevista, que adotam a sistemática entrevistador-entrevistado, em geral fechada e circunscrita a questionários pré-definidos.

Há na sistemática do *Sem censura* certo caráter de imprevisibilidade, pois perguntas não definidas podem surgir dos entrevistados, nessa dinâmica adotada pelo programa. A conversação, portanto, o diálogo está, de fato, na base da organização do programa, emprestando-lhe perspectiva mais democrática que outros do mesmo gênero.

Estratégia comunicativa pautada numa dinâmica jornalística dialogante e performance segura da jornalista são as marcas desse programa, que infelizmente foi interrompido, por decisão da direção da EBC.

É nossa expectativa que as ideias e dimensões recobertas por esta pesquisa tenham serventia para pesquisadores interessados em temáticas como essa que aqui abordamos.

## Referências

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: Matéria de primeira página**. São Paulo: Tempo Brasiliense, 1982.

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista**. São Paulo: Boitempo. 2004

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BRAGA, José Luiz. **A Sociedade Enfrenta sua Mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3ª. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio - org. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em comunicação**. São Paulo, Atlas, 2012.

FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma Analítica da Mídia**. Matrizes nº 02. 2008. <https://www.facebook.com/semcensuratv>. .

FONSECA, F. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 6, p. 41-69, jul. – dez. 2011.

JOSÉ, Emiliano. **A intervenção da Imprensa na Política Brasileira 1954 – 2014**. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2015.

KAUFMANN, Jean Claude. **A entrevista Compreensiva – um guia para pesquisa de campo**. São Paulo: Vozes. 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record. 2001.

LINS, Aline Maria Grego. **Processo de Produção Telejornalístico à Luz da Crítica Genética**. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica. 2000.

MEDINA, Cremilda. **A entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática. 1986.

MOURA, Sandra. **Caco Barcelos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora UFPB. 2007.

NAGLE, Leda. **Com certeza: Leda Nagle, melhores momentos**. Agir, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.

SALLES, Cecília A.; CARDOSO, Daniel R. Crítica de Processo – um estudo de caso, 2007. Disponível em: < [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252007000100020&script=sci\\_arttext/](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=s0009-67252007000100020&script=sci_arttext/)> Acesso em: 15 de maio. 2017

\_\_\_\_\_. **Uma criação em processo**, Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país nenhum. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 1990.

SILVA, Fernanda Maurício da. **“A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos”**. Tese de doutorado defendida junto ao programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, 2010. Acesso em 05.09.2014. Disponível em:

VIANA, Francisco. **De cara com a mídia: comunicação corporativa, relacionamento e cidadania**. São Paulo: Negócio Editora, 2001.

## Anexos

### Entrevista com Leda Nagle, em 22 de abril de 2016

Kiára – Como surgem os temas e os entrevistados do Programa? Como partem essas sugestões, é pela produção, pelos telespectadores? Você dá o início?

Leda – Por todos os caminhos, pelo o que a gente tem de informação, pelos releases de divulgação, pelos telespectadores, pelas ideias que a gente vai tendo, pelas coisas que vão acontecendo, sabe...

Kiára – Uma vez a gente conversando informalmente você falou que uma ideia surge, por exemplo, você está lendo um jornal e você achar que aquele tema era interessante?

Leda – Isso acontecendo, você vai milhares de folhas de jornal, milhares de coisas que mandam pra cá. Milhares de recortes e aí você não vai fazer igualzinho não, você pega, você lê o negócio que está ali, sei lá, uma matéria sobre... Ah! Sobre o quê? Ah! Olívia Byington, tá lançando um livro, aí eu li isso no domingo sobre o filho dela. Escreveu um livro sobre o filha dela, aí eu fotografei, mandei pro Felipe, o Felipe imprimiu e a gente vai convidar Olívia para falar dessa doença rara do filho dela e como é que ela lidar com isso, entendeu? Aí ao mesmo tempo, tá vendo as pessoas mandam coisas sugerindo, especialista em Síndrome de Eules, que a Ellen (Roche) é portadora, aí gente que quer vir, porque tem um trabalho que acha que tem que vir aqui, gente que acha que tem que vir... (risos). Às vezes o tema não é interessante, mas ela acha que a vida dela é um espetáculo.

Kiára – A questão do acaso, às vezes você vai fazer uma entrevista e surge um imprevisto, com certeza com a quantidade e experiência que você tem, o tempo que você tem, deve ter acontecido muitas vezes essa coisa que você teve que improvisar. Tem alguma coisa que lembra você, como é que você lida com o imprevisto na hora da entrevista? Você deve lidar com isso diariamente ao vivo, né?

Leda – Acontece todo dia, às vezes a pessoa renda pra caramba, às vezes, você falou das sugestões, às vezes uma pessoa vai dando uma entrevista e eu vou anotando

coisas que ela vai dizendo porque tem uma página, essa moça falou, sobre o que mesmo? Ah! Sobre troque, menos um lixo”. Um copo que ele inventou não descartável, aí o que acontece, ela tava falando do... ela veio falar do copo descartável. Ela inventou um copo que você lava, igual a um copo que tinha em São Lourenço, quando eu era pequena, todo mundo ia na estação das águas tinha um copo que fazia assim. Um copo menos um lixo, um copo que ela inventou não descartável, ao invés da gente usar esses copos.

Quando ela foi falando isso ela foi falando de umas outras coisas e aí a gente marcou eu fui anotando o que ela foi falando, não porque tem carteirada do bem, vem hoje carteirada do bem que é uma coisa engraçada. Tem consumidor moderno que é uma coisa engraçada tem não sei que lá e eu fui anotando o que ela falou e aí, vou pesquisar o que é e aí vou marcar depois, entendeu?

Tudo é pauta aqui, são 25 por semana, é muita.

Kiára – É uma entrevista completamente aberta é o que a gente chama de entrevista diálogo e você realmente tem esse diálogo com seu entrevistado, essa troca.

Leda – Olha só, ela vai falando e aí se ela falar uma coisa legal, eu vou pensando se eu posso aproveitar ou se eu não posso, não tem um critério, uma lógica, entendeu?

Kiára – Como é o teu processo de comunicação com sua equipe?

Leda – É ótimo.

Kiára – Quando eu vim agendar, eu vi que você tem reunião de pauta, mas fora isso você se comunica por telefone, por e-mail, por whatsapp?

Leda – O dia todo, por e-mail, por whatsapp, aqui quando eu chego, eu chego cedo, almoço aqui, eu passo ali embaixo, pego minha comida, subo, sento ali pra comer e já vou falando.

Kiára – É o dia inteiro pensando nisso, na produção do programa?

Leda – É e aí todo mundo vai falando e rola, entendeu, não tem isso, - “Agora é reunião de pauta”, não tem isso.

Kiára – Agora e a escolhas dos temas?

Leda – Eu falo assim: - Gente, precisa fazer um programa tipo tudo em casa, tudo em casa, tudo que você pode pedir em casa. Pode pedir fisioterapia em casa, pode pedir que o cara cozinhe em casa, você pode pedir... Pode pedir pra organizar tudo, pode ser um cachorro, tem até vó de aluguel e cada um vai dando uma ideia assim. Eu falo

– Vamos fazer um programa sobre tudo em casa e cada um pode ter uma ideia, eu falei, né? Eu boto ali tudo em casa e aí cada um chega e pode botar sua ideia, entendeu? É tudo misturado, é uma coisa...

Kiára – E também tem assim os telespectadores, que entram em contato como você falou que enviam sugestões, que eles acham que são legais e tal e também tem a tua relação com teu público, né? Que você também tem tua equipe de mídias que eu observei lá. Tem duas pessoas que ficam ao vivo falando na hora do programa, no facebook, não tem?

Leda – Fica? Tem? (Dirigindo-se à sua equipe) – Quem conversa no twitter? Você, Felipe? Você atualiza o twitter durante o programa?

Kiára – Na hora da entrevista a moça que trabalha na produção. Não tem isso com o facebook, você não atualiza o face, é você? Dirigindo-se à produtora.

Produtora – Eu realizo.

Leda – Ah, é?

Kiára – Eu fiz um artigo sobre isso. No seu programa, esse que foi aprovado no Lusocom. É a vigilância do público, através das redes sociais no programa e essa interação que o público tem com você e através do facebook.

Leda – Engraçado esse programa, porque isso é uma tradição do programa, primeiro eram telefonistas mulheres que ficavam atendendo o telefone e anotando a pergunta, depois passou a ser por fax, depois passou a ser por e-mail e agora o instagram, twitter, tudo junto, só tirou o telefone. Telefone não tem mais, porque a gente também não tem isso, não tem gente pra ficar no telefone.

**Kiára** – E também no telefone limitava, por exemplo, você não podia colocar ao vivo, porque no programa ao vivo entravam duas ou três pessoas e agora com a internet, você recebe 20 mensagens e ali daquelas 20 já é na hora, isso instantâneo, já interage com a equipe e a equipe já passa.

Leda – Isso é um problema, a ideia é da gente, mas a gente perdeu pros canais mais ricos, porque, por exemplo, a gente fazia isso e respondia, mas agora a gente não tem o volume de gente na equipe. A gente não tem gente para responder isso o tempo todo. Durante o programa estão a gente responde, mas é precário. Se a gente tivesse uma equipe maior, seria muito mais legal, mas a gente não tem, então a gente lançou isso e a TV Globo pegou isso para ela, porque ela tem gente para fazer, tem tecnologia para isso.

Kiára – Outra coisa que eu achei legal nesses programas que eu acompanhei aqui é que antes vocês fazem uma pesquisa, eu achei isso fantástico, sobre cada entrevistado e aí eu enquanto entrevistada recebo o perfil de cada um pra que eu possa interagir com os outras pessoas que estão ali.

Leda – Isso. E a ideia é essa, é favorecer e isso foi uma coisa depois que eu cheguei, não tinha antes, porque os apresentadores anteriores entrevistavam uma pessoa de cada vez e eu achava que as pessoas ficavam muito entediadas e eu ficaria, eu sou hiperativa eu ia ficar muito de saco cheio de ficar só ouvindo pessoa, eu falava e depois eu ia passar uma hora e quinze só ouvindo todo mundo, eu ia achar muito chato. Eu acho que fica chato. Eu antes do programa, falo pra todo mundo. – Você pode perguntar se você quiser, pode não perguntar se você não quiser, mas você tem na sua frente um resuminho de cada um exatamente para que você possa interagir, eu gosto que interajam, a ideia é essa, eu acho que revitaliza o programa.

Kiára – Eu também observei, não só confirmações de observações, que eu já tinha, mas preciso que você...

Leda – Eu sei, precisa confirmar.

Kiára – É pra poder dar credibilidade à minha pesquisa.

Leda – Exato.

Kiára – Eu achei super bacana e até fiquei surpresa, porque você conversa antes com seus entrevistados antes de ir pro ar.

Leda – Sabe o assunto não, eu li sobre o assunto, eu faço uma pequena introdução só para dar uma quebrada, é o jeito de eu sentir as pessoas.

Kiára – Então, porque quando você tem essa conversinha prévia com eles.

Leda – É micra, mas resolve muito

Kiára – Mas você já solta o entrevistado.

Leda – Eu percebo se a pessoa tá mais tensa e ela não é importante, eu posso deixá-la pro meio, mais pro final, porque ela pode se soltar, entendeu? É claro, se ela é o assunto, por exemplo, não sei o que é hoje, “primeiros socorros” é um assunto que interessa a todo mundo, né? Acho que não, vou começar com a raiva, pavio curto, vou torcer pro psiquiatra não ser tenso.

Kiára – Aí você puxa com ele.

Leda – Minha ideia é puxar com ele, tô olhando ali agora, eu me decido lá embaixo, pode ser até que eu mude de ideia, mas a princípio eu faria isso, a raiva é essa coisa do luto, porque o luto a pessoa sente raiva, aí eu misturava no primeiro bloco isso ou o luto, ou a raiva e primeiros socorros, não sei, acho que não, acho que poderia ser a raiva, depois a carteirada do bem com os primeiros socorros e depois a Bethi. Que eu quero deixar claro que esse papo não é sobre o conteúdo, quando eu falo, eu falo exatamente assim, eu vou conversar com cada um individualmente, mas se vocês quiserem perguntar no assunto do outro não é obrigado e nem proibido, vocês podem o programa inteiro calados e só falarem na sua hora, mas na sua hora é obrigado a falar, se você quiser perguntar tanto pergunta paciência ou saco, pergunte, se não tiver não pergunte, mas na sua hora é obrigado a falar, aí isso já dá uma descontraída, quando eu vou falando isso já vou olhando pra eles e vou sacando, se tem alguém muito difícil, alguém que tá muito assustado (risos) que te olha assim como se eu tivesse falando grego, aí eu falo – Opa, tenho que tomar cuidado ali. Eu penso – Eu não falo e aí eu vou tocando, eu geral dá certo.

É um método totalmente louco, sem nenhum critério, mas em geral dá certo, que aí você vem falando com a pessoa e a maneira que a pessoa te olha quando você fala isso, o que ela não entende. Pergunta de novo, aí você sente a temperatura da pessoa.

Kiára – Até onde você pode tirar dela?

Leda – É se ela vai te dar mais trabalho, menos, se ela vai falar muito, às vezes, eu acabo de falar isso, começa... - Posso fazer uma pergunta? Eu não acabei de falar que podia? Dá vontade de responder isso, mas eu não consegui nunca responder isso, embora eu tenha vontade todo dia. Eu acabei de dizer, entendeu? Posso fazer uma pergunta? Eu falo – Pode. Dá vontade de dizer. – Eu não falei que podia (risos), mas eu não falo não. De vez em quando eu perco a paciência, mas é poucas vezes, assim, eu acho.

Porque tem gente que é muita chata. Por exemplo, quando você fala para uma pessoa chata que ela pode perguntar, ela pergunta todas às vezes. É igual a um locutor que quer ser informal. Já viu locutor que quer ser informal e não sabe. Ela comenta todas as notícias, todas ele fala – No Oriente Médio aí que horror. Na fila do SUS no Ceará, aí que horror. Não pode. Senão você desvaloriza o “Ai que horror”. Sabe como você queria usar esse bordão, então não é pra pessoa perguntar o tempo todo, no assunto do outro, e tem também aquela pessoa que gosta de enfiar o assunto dela, se tá falando, olha essa mulher, por exemplo, que perdeu a filha em um acidente. Como é

uma história triste, aí a outra do lado fica perguntando, perguntando... Sabe, sem parar, é pra ela, pra outro entrevistado, pro outro, pro outro e toda hora ela tenta enxertar o assunto dela. Não porque, por exemplo, ela está falando da cartilha do luto. Digamos que na raiva ela fale. “- Ah! Porque aqui na Cartilha do Luto que eu vim falar, fala isso, isso, aí eu falo. – Querida eu vou conversar com você sobre a Cartilha do Luto daqui a pouquinho, vamos falar agora da raiva, mas das raízes e às vezes eu perco a paciência quando a pessoa fala isso umas quatro vezes, entendeu? Eu ando muito impaciente, porque tá muito tenso, né? O país está tenso. A TV está tensa. Mas eu preciso ter paciência, são muitas pessoas diferentes.

Kiára – E a entrevista que você faz, que é a entrevista diálogo, você tem que ser um pouco psicólogo, o entrevistador é um pouco psicólogo.

Leda – É um jogo. Você vai jogando ali. Se você vai bem no jogo para lá e para cá, às vezes é uma palavra tão desgastada, mas é uma troca, mesmo que ele fale difícil, quando entrevista o médico ele fala tem que fazer o PCA. Aí você pergunta, o que é PCA mesmo? Ele domina o assunto e vai ficar falando bem, esse é o entrevistado ideal, técnico. Médico, engenheiro que vem falar de tragédia, uma pessoa que fale de preconceito, ela entende bem do assunto, fui como se fosse um balé. E tem pessoa que é um saca rolha, porque ela responde com uma palavra, e isso atrapalha um pouco o ritmo. Se ela der uma olhadinha ali no assunto que está ali, a ideia é para ser uma coreografia tudo fluindo, todos participando como se fosse sábado à noite na casa de alguém. Você pode perguntar, pode discordar. Eu sempre aprendo alguma coisa todo dia, a curiosidade também é minha, eu gosto. É bom quando todo mundo vai junto, todo mundo dá uma balançada na mesma direção,

Kiára – Você viu que é Cremilda Medina pura aqui, entrevista aberta.

Leda – Quem é Cremilda Medina?

Kiára – É uma professora da USP que trabalha – Entrevista, o diálogo possível.

Leda – Será que conheço esse nome? Será que devo ter feito algum curso com ela?

Kiára – Deve ter feito. Ela trabalha justamente a entrevista sob a perspectiva do diálogo, entrevista dialógica, que é o que você faz divinamente e ela é umas das bases, ela e a Cecília Sales do meu conteúdo teórico.

Leda – A minha teoria ficou lá na faculdade. Fui uma boa aluna, mas depois cai na real. Eu acho a faculdade tão diferente da vida real, tão diametralmente opostas, sabe? E também eu não tive professores que não tinham uma prática no jornalismo, porque eu

sou de Juiz de Fora, estudei lá. Então era uma empresa muito acanhada e os professores não eram do mercado. Aqui no Rio dei aula muito tempo, tem muita gente de mercado.

Kiára – A academia tem isso. O professor fica muito tempo dentro da academia e a realidade do mercado é outra.

Leda – Cada um tem um jeito, vê a Marília Gabriela? Tem várias fichas, você sente que ela pensou naquela pergunta, e ela anotou aquela pergunta, eu não anoto nada. Eu gosto de anotar as coisas que as pessoas me dizem. Às vezes eu quero falar alguma coisa, alguém interrompe e vai para outro assunto totalmente diferente, aí às vezes eu anoto alguma coisa para perguntar, para voltar, mas eu não sei fazer pergunta por escrito. Não funciona assim, não adianta, entendeu?

Kiára – A gente às vezes fica rindo com algumas coisas que você fala, que são interessantes, que de certa forma descontraem.

Leda – São loucuras. Mas é bom também, porque é uma hora e meia de conversa. Já foi duas, já foi até mais, eu acho. É uma tristeza esse programa ser tão precário. Ele poderia ter mais possibilidades.

Kiára – A equipe é pequena para o potencial do programa.

Leda – Nossa. Por exemplo, artistas, você tem que se dedicar aquilo. O cara está gravando, aí amanhã é a folga dele, ele já marcou dentista, aí no dia seguinte vai gravar 5 horas da tarde. Alguém que está marcando 5 entrevistas. Você liga para o cara, liga para a gravadora. O cara está gravando uma externa com outro artista, pra ver a agenda daquele cara. Hoje em dia com o celular melhorou, mesmo assim você não sai com a agenda de todo mundo que você vai gravar. Você liga para a gravadora, liga de novo. Para lembrar você passa um e-mail. Tem que ter uma dedicação, a não ser que o artista esteja em cartaz. Estou falando da marcação. Vamos dizer que você encontra com um artista, Cássia Kiss, aí ela fala. – Você não me chamou naquele programa, fiz um papel bárbaro. Aí você pega o telefone dela, aí facilita. Daí quando você ligar, ela vai atender na mesma hora ou você deixa um recado para ela retornar, entendeu? A coisa vai. E hoje em dia tem uma coisa muito chata, chamada assessor de imprensa. Sei que é um mal necessário. Olha, eu ia marcar num Escritório Montenegro e Raman um escritório que teoricamente eu sou deles, mas eu não sou de ninguém, não tenho paciência. Tem um material que separei para você.

Kiára – Aí que alegria.

Leda – Tem isso aqui, isso aqui. Arquivos. A Montenegro manda uma aviso – A conta Mais quer fazer uma matéria. Aí ela responde – Pode ser sexta-feira. - Pode. Fechou, né? Não fechou. Por que 10 horas ela não pode. Você pode quarta-feira, 1030. Não pode, porque você tem compromisso naquele horário. Fechou? Tomara que sim. Agora, por que daquele intermediário? Era mais fácil aquela menina ligar para mim, a gente marcava e pronto. O intermédio complica as coisas. É uma febre nacional. Até neguim que faz torta tem assessor de imprensa, é um inferno. Tem hora que não posso falar isso, sei lá, vem uma revés da vida. Eu acho que eu vou ser uma assessora de imprensa tão diferente, parece que eles tem que se valorizar. Eles ficam furiosos quando você marca direto. O que cansa muito aqui também, porque tudo é muito precário, eu faço meu cabelo, eu faço maquiagem. Eu até gosto de maquiagem. Não tenho paciência. Mais de 10 minutos perdendo com isso, acho que errei alguma coisa. Não pode perder mais de 10 minutos com isso. Ainda tem gente que fica horas. Adoro quando de manhã faço escova e passo dois, três dias sem ter que me preocupar com isso. Mas esse coisa de não ter ninguém. Eu que faço tudo. Sou figurinista, maquiadora, cabeleireira.

Kiára – Apresentadora, produtora, pauteira.

## Iconografia

Atividades na redação. Na sequência, a pesquisadora entrevistando Leda Nagle. Registros da técnica.





